

Cefet/RJ
N. 4
out./2025

de latas de alumínio para reciclar e outros ainda viver. Segundo entidades religiosas e não-governamentais

Tentativa e di
ballo e di
ballo e di
ballo e di
ballo e di
tentativa e
di
tentativa e

Violência no trânsito
Violência nas ruas

produção.

Procedural knowledge

EXPEDIENTE

CEFET/RJ - CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA CELSO SUCKOW DA FONSECA

DIÁRIO DE CLASSE - Revista estudantil do Cefet/RJ | N.4, V.1 - OUTUBRO/2024

<https://revistas.cefet-rj.br/index.php/diariodeclasse>

Diretor-Geral

Mauricio Saldanha Motta

Vice-Diretora

Gisele Maria Ribeiro Vieira

Diretora de Ensino

Dayse Haime Pastore

Diretor de Pesquisa e Pós-Graduação

Ronney Arismel Mancebo Boly

Diretora de Extensão

Renata da Silva Moura

Diretor de Gestão Estratégica

Diego Carvalho

Diretora de Administração e Planejamento

Bianca de França Tempone Felga de Moraes

CONSELHO EDITORIAL

Caroline Araújo Bordalo (Cefet/RJ)

Valena Ribeiro Ramos (Cefet/RJ)

Antônio Miguel Brito Feres (Cefet/RJ)

Keila Lúcio Carvalho (Cefet/RJ)

Marcela Serrano (Cefet/RJ)

Tarcila Formiga (Cefet/RJ)

Jorge Quintas (SEEDUC)

Gláucia Amaral (IFRJ)

Anita Handfas (UFRJ)

Marcello Coutinho (Joaquim

Venâncio/FioCruz)

Editoria

Docentes: Caroline Bordalo e Valena Ramos

Discentes: Ana Carolina de Carvalho

Gonçalves e Pholiana Rocha Bandeira

Revisão

Caroline Bordalo e Valena Ramos

Projeto Gráfico

Divisão de Programação Visual - DPROV

Diagramação da edição

Divisão de Programação Visual - DPROV

Foto da capa

Imagem produzida no âmbito do projeto

Sociologia Visual, coordenado pela Prof.

Marcela Serrano Marques no CEFET-RJ

EDITORIAL

Um passo à frente e você não está mais no mesmo lugar
(Chico Science)

A *Diário de Classe* tem como um de seus pilares o protagonismo dos estudantes na produção do conhecimento. Aqui defendemos o **protagonismo como construção coletiva** e como projeto de uma sociedade mais democrática e justa. Os estudantes, e a juventude em geral, são atores sociais fundamentais, ativos, transformadores, críticos e atentos às questões do seu tempo. Ao contrário da visão de passividade, trazemos a riqueza do olhar dos estudantes nas mais diversas expressões, dos artigos acadêmicos aos poemas, contos, resenha, etc. Desde o início deste projeto, há sete anos, defendemos que a divulgação científica deve acompanhar a construção cotidiana da educação básica, ampliando o alcance do conhecimento produzido nas instituições de ensino e pesquisa, não apenas pela importância do trabalho realizado nesses espaços por todos que compõem a comunidade escolar, mas também pela sua capacidade de combater o avanço do negacionismo e das suas consequências mais perversas.

A cada número buscamos contribuir para a divulgação científica no nosso país. Uma tarefa árdua em tempos de *fake News*, mas que enfrentamos com a certeza de que não há outro caminho para democratizarmos a ciência e com a alegria da partilha de produções tão extraordinárias. Desejamos que cada leitura seja como uma conversa, uma troca e um compartilhamento capaz de aproximar reflexões tão necessárias sobre a sociedade e nosso lugar na mudança que queremos.

Boa leitura!

ÍNDICE

Os Modos de Ver e o Desmanche de Favelas na Cidade do Rio Durante as Décadas de 1950 a 1970. **Pg.6**

Ariel Christian Gomes Drummond

Editoração e exclusão: a construção midiática da infância pobre no Rio (1950-1970) **Pg.16**

Priscila Teixeira Tabira dos Santos

Análise da Imagem do detetive Perpétuo de Freitas nas revistas ilustradas O Cruzeiro e Manchete no século XX. **Pg.29**

Thiago Ferreira Postigo Pereira

Fotografaria e a importância de seu trabalho na documentação da memória da favela e do favelado nas redes sociais **Pg.41**

Layza Barbosa da Silva

Socioverso: expandindo horizontes da Sociologia em uma escola de ensino fundamental situada na zona rural de Alagoas. **Pg.52**

Maria Cecilia dos Santos Macário Silva

Marcos Roberto Paixão Santos

Escrevendo com mais autoria e criatividade na escola. **Pg.60**
(apresentação)

Aytel Marcelo Teixeira da Fonseca

Do heliocentrismo à pandemia: quando a ciência precisa ser justificada **Pg.62**

Pedro Lucas Veloso Vitorino

A maldade está nos olhos de quem produz **Pg.63**

Isabelle Alves Candido

CONTOS

O rio leva, o rio traz **Pg.68**

Guthierre dos Santos Vogado

Afrofuturismo: estética, memória e esperança **Pg.70**

Bruna Marques Costa

Guardiões de Nzinga **Pg.72**

Anna Beatriz Waldheim da Silva

Maria Rita Fagundes Vargas

Mariana dos Santos Lima

Sob o Peso da Cortina de Ferro Pg.78
Ana Carolina de Carvalho Gonçalves

Sob Silêncio e Resistência Pg.92
Isadora Maia
Isabella Maria Telles
Ana Julia Franco

POEMAS

A pele da história Pg.97
Maria Laura Seixas da Motta

Futurafro Pg.99
Maria Luisa Gomes de Almeida Saturnino

MAR DE INCERTEZAS Pg.100
Pedro da Silva dos Santos

RELATO DE EXPERIÊNCIA

O projeto SexGen Pg.101
Maria Eduarda Dos Santos Silva
Gabriela Nascimento Da Silva

RESENHA

“Fim” de Fernanda Torres Pg.106
Por Izabel R. Mello

Os Modos de Ver e o Desmanche de Favelas na Cidade do Rio Durante as Décadas de 1950 a 1970

Ariel Christian Gomes Drummond¹

RESUMO: O objetivo deste artigo é analisar, de maneira crítica, a forma como as favelas na cidade do Rio de Janeiro foram removidas em função do plano de desenvolvimento higienista e desenvolvimentista promovido pelos então governadores durante as décadas de 50 a 70, e a forma como os então moradores destas localidades reagiram à opressão do Estado. Para enriquecer a análise crítica, usamos os trabalhos de Carlos Vainer, Valladares, Rafael Gonçalves, entre outros que, direta ou indiretamente, vieram a criticar a forma como o cidadão marginalizado viria a ser tratado nesses processos. Também realizamos pesquisas sobre as fotografias divulgadas nas revistas como O Cruzeiro e Mundo Ilustrado, percorrendo fotografias que registram os despejos e examinam de que maneira a imagem fotográfica, além de testemunhar os fatos, pode ser apropriada como instrumento de poder por aqueles que a manipulam. Portanto, ao analisarmos as imagens, vemos o contraste entre o que essas pessoas sentiram nesses episódios de remoção e a indiferença dos governos.

PALAVRAS-CHAVE: Favelas, Estado, Fotografia, Despejos, Opressão.

¹ Aluno bolsista de Iniciação Científica vinculado ao *Prosas: História Pública e Educação* (<https://historiaemprosa.com.br/>), financiado com recursos da FAPERJ, CNPq e CEFET-RJ. Foi orientado pelo Prof. Dr. Samuel Silva Rodrigues de Oliveira.

INTRODUÇÃO

Durante o período da ditadura militar no Brasil, houve ações governamentais agressivas direcionadas à camada menos favorecida socialmente no país. E um desses movimentos foi o programa de remoções de favelas na cidade do Rio em que se localizavam em áreas dentro do planejamento urbano promovido pelo governo direcionado a reformas que visavam desenvolver a cidade para circulação de capital e uma “modernização” da região, visando apagar qualquer ligação com as classes baixas (Gonçalves, 2014). As áreas que mais foram atingidas por remoções de favelas foram a zona sul do Rio de Janeiro, um dos espaços que seriam símbolos da modernidade e modernização.

A cidade do Rio estava crescendo cada vez mais o número de habitantes, fazendo com que muitos arrendamentos e ocupações territoriais fossem construídos em regiões que anteriormente não havia moradores. Nas remoções, ocorreu o deslocando famílias moradoras em favelas para locais distantes de seus postos de trabalho e sem oferecer um sistema de transporte público adequado que facilite o trajeto casa-trabalho diante o avanço das remoções forçadas durante o regime militar. Outro ponto importante desse processo foi a segregação espacial urbana, onde o poder midiático junto ao governo promoveu um enviesamento da imagem das favelas, colocando a ideia de “Favela x Asfalto” ou “Zona Organizada x Zona Desorganizada” para apoiar o avanço das remoções para dar lugar a novos arranha-céus para promover o crescimento da cidade.

Foram ao todo, aproximadamente, 140 mil pessoas removidas forçadamente de suas casas e alocadas em outras regiões mais afastadas, desconsiderando tudo o que havia sido construído por ela naquele lugar (Valladares, 1980). A lógica das remoções desconsiderava totalmente as relações de afeto e laços sociais que os moradores tinham com o que antes eram suas casas, estes sendo obrigados a viverem agora em regiões ao Oeste da cidade, dando lugar ao que hoje é a Cidade de Deus.

Ao longo do tempo, as remoções deixam explícito que a cidade não é neutra, onde enquanto algumas histórias e interesses têm voz, outras são silenciadas. Narrativas de “progresso” acabam legitimando expulsões, enquanto instrumentos de planejamento e projetos privados deslocam pessoas e aprofundam a segregação, promovendo uma desigualdade socioespacial. Ao analisar as remoções forçadas no Rio de Janeiro durante o regime militar, o Estado interveio de maneira direta para desarticular comunidades inteiras, como a comunidade da Praia do Pinto, impondo uma lógica desenvolvimentista que beneficiou especuladores imobiliários e consolidou a desigualdade urbana (Valladares, 2018). Essas intervenções se apoiaram nos planos de urbanização e na força policial, resultando na transferência de famílias para áreas periféricas, na ruptura de redes sociais, onde muitos desses moradores agora passariam a viver longe de seus locais de trabalho, dificultando o dia a dia daqueles que foram atingidos pela ação do Estado.

O processo de remoções se dava por meio de máquinas manuseadas e tratores para obstruir os materiais utilizados na construção dessas casas, enquanto que todo o processo de realocação do morador atingido era feito por meio do serviço social a mando do Estado alocando os atingidos para regiões afastadas onde estavam a ser montados conjuntos habitacionais para essas pessoas, algo que, a longa prazo, não resolvia o problema dos moradores que agora teriam que viver uma nova realidade longe da qual havia construído sua vida até aquele momento. Tudo isso em nome de um “avanço” tecnológico e de infraestrutura promovido pelos governos de Carlos Lacerda (1961-1965) e durante a ditadura militar, ignorando aqueles que antes já eram tidos como ‘marginalizados’ diante do Estado (Amoroso, 2009).

Em meio a essas movimentações do Estado, a crise se dava também na questão social referente a essas pessoas. O favelado, durante todo o processo, sempre foi mantido seja pela mídia local ou pela organização política, como uma persona subalterna, ou seja, no lugar de marginalizado e vítima do estereótipo, vinculando essas pessoas a termos negativos, as tratando como agressivas ou de colocação social baixa, tais estereótipos foram utilizados pelo governo militar para justificar esses desmanches (Amoroso, 2009) ainda que fosse desumano àqueles moradores. O setor imobiliário junto ao poder público

compartilhava do interesse de expulsar essas pessoas para dar lugar a uma nova estrutura que viesse a se tornar uma nova área de luxo que concentre capital, onde a então Favela da Catacumba, anteriormente localizada no que hoje corresponde à Zona Sul da cidade, agora é o que hoje chamamos de Lagoa, região onde o custo de vida é elevado comparado a outras localidades da cidade. Mesmo com a violência, em muitos casos, houve resistência por parte desses moradores, apesar de ineficazes perante a força do Estado (Rolnik, 2009).

AS CENAS DOS DESMANCHES E O QUE ELAS REPRESENTARAM

Como abordado inicialmente neste artigo, os atingidos pelo programa higienista e desenvolvimentista nos governos militares sofreram diversas perdas diante das remoções, onde muitos utensílios de casa em meio à realocação dessas pessoas eram perdidos, laços de amizade cortados e toda a memória do local desaparece. Dentre tantos registros, há o de uma pequena criança aos prantos ao ver que sua casa estava a ser destruída e seus pertences sendo transferidos para uma localidade alterna. Para o olhar de uma criança, isso pode ser uma mudança total no modo como ela enxergava a vida ao seu redor, a imagem destacando sua inocência diante de uma ação agressiva de um poder maior que leva toda a sua história embora como um sopro, devido à ganância do setor imobiliário e do desejo de criar uma nova imagem para a “Cidade Maravilhosa”, escondendo seu passado obscuro e pondo essas famílias no campo da invisibilidade.

Tal processo compromete a sensação de pertencimento e dá lugar a sentimentos de alienação, fragilidade e perda de identidade comunitária, dificultando a reconstrução de vínculos em novos territórios para os quais essas famílias foram deslocadas. A escolha por esse enquadramento do fotógrafo da imagem reforça o desespero de famílias que viviam esse cotidiano de remoções, onde essas perdas não eram apenas físicas, mas também emocionais.



(Fonte: Arquivo Nacional, Fundo Correio da Manhã, BR_ RJANRIO_PH_0_FOT_00246_d0006de0020)

Dentre tantos pontos a serem debatidos, um deles é o que essa criança representada ao centro da imagem carregou consigo após testemunhar o poder do estado sobre seus entes familiares e seu lar, ao estar no centro da imagem, faz-se um protagonista de uma das cenas que mais se repetiam entre as décadas de 50 a 70 nas comunidades do Rio, sendo o Estado o principal agente que transformara a vida dessas crianças sob o pretexto do “desenvolvimento”.

Tais deslocamentos forçados deram vida a comunidades conhecidas nos dias de hoje, como a já citada Cidade de Deus e também a Vila Kennedy, para onde muitos desses moradores se alocaram após perderem seus lares (VALLADARES, 1978). Durante as remoções, episódios de resistência eram comuns, mas todos oprimidos diante da força policial que vinha a proteger a equipe de Serviço Social do Estado, logo episódios de opressão policial não eram incomuns durante a expulsão desses moradores.



Fonte: (Arquivo Nacional, Correio da Manhã, BR RJANRIO PH.0.FOT.01664)

Diante de toda a repressão, muitos moradores durante esse período vieram a fazer protestos, sobretudo em localidades próximas a órgãos públicos ou centro policial para lutar pelos seus direitos, isso em meio a um regime autoritário, no acampamento montado próximo ao Palácio das Laranjeiras, foram levantados cartazes, bandeiras e faixas por mudanças e respeito àqueles que estavam vendo sua história ser fragmentada. Ao fundo da imagem tem-se a presença dos militares, órgão institucional que atuou ativamente na defesa dos interesses do Estado por Lacerda e Chagas Freitas, assim o enquadramento da imagem atua colocando os extremos lado a lado, gerando protagonismo dos que ali estavam a protestar.



Fonte: (O Cruzeiro, edição 00081)

Em uma das manchetes da revista *O Cruzeiro*, há novamente o enfoque nas crianças, principais atingidas emocionalmente durante as remoções forçadas. No registro fotográfico, chama atenção também a ausência de sapatos nas crianças retratadas. Esse detalhe aparentemente simples revela muito mais do que a falta de um item de vestuário: ele evidencia, de forma silenciosa, a profundidade do abismo social existente entre o espaço formal da cidade e as favelas. A ausência do calçado funciona como uma marca social poderosa, sinalizando as consequências concretas da segregação urbana que ali havia. Essa desigualdade se manifesta como uma muralha simbólica e material que separa os considerados “marginais” dos “outros”, reforçando estigmas e consolidando fronteiras dentro da metrópole. Essas crianças, ao serem deslocadas junto de seus pais, não tinham o amparo necessário para reconstruir suas vidas agora em um novo ambiente onde parte da infância foi roubada pelo poder público.



Fonte: (página 43 da edição 66 da revista O Cruzeiro)

Outra imagem divulgada pelas revistas ilustradas da remoção foi feita pela revista *O Cruzeiro*, com uma manchete que retrata justamente um exemplo do plano de infraestrutura promovido pela ditadura durante o período de remoções, desejando reestruturar a planta local expulsando os moradores destas regiões e substituindo o que antes era uma favela por uma nova estrutura composta por prédios comerciais, visando criar uma nova imagem pra cidade, passando por cima de toda uma história construída pelos primeiros moradores locais da região. O que antes dava lugar a casas simples, agora seria composto por grandes arranha-céus, transformando o visual da região e alterando todo o contexto afetivo e cultural que ali havia antes das remoções ocorrerem. Os

desmanches de favelas promovidas pela ditadura militar contribuíram para a imagem segregada da cidade, criando assim uma “Cidade de Exceção” excluindo os mais pobres e os enviando, conseqüentemente, para regiões afastadas dos grandes centros, reafirmando sua visão autoritária onde via os mais pobres numa posição marginalizada (Vainer, 2011).

As fotografias, por serem um recorte da realidade, podem ser interpretadas de diversas maneiras a depender do emissário e receptor. Nos exemplos das imagens que contemplam os desmanches em favelas, há a presença de cortes que apresentam um foco, no caso, os moradores; mas isso pode não necessariamente ter sido registrado de maneira imparcial. A imagem, de maneira geral, não pode ser resumida a mero fator visual/ilustrativo, mas sim narrativo pois, ao realizar um determinado recorte da realidade por uma câmera, o emissor ao escolher o enquadramento, o foco e os personagens presentes na fotografia, possui a narrativa em seu controle (Turazzi, 2008). Dessa forma, o exercício de olhar criticamente para uma imagem se torna quase um respiro diante do peso que ela carrega. Ao receber uma fotografia, o receptor pode questionar não apenas o que aparece no quadro, mas também aquilo que ficou de fora e assim formalizar uma interpretação da imagem, questionando a história por trás daquele registro e o contexto que se leva, buscando entender qual o propósito daquela imagem (Berger, 1972) e de que história ela faz parte. Sendo assim, o simples ato de fotografar não é neutro, carregando uma intenção e, com ela, construir uma narrativa (Dubois, 1993).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi discutido neste artigo as perdas não apenas físicas dos ex-moradores das antigas favelas que hoje deram lugar a bairros nobres, mas também a questão emocional e aquilo que é impossível reconstruir de volta. Tendo isso em vista, o artigo trabalhou a questão crítica em relação ao plano higienista de Lacerda e teve como objetivo uma discussão dos efeitos psicológicos e ambientais em relação aos moradores e a própria cidade, no qual foi possível,

por meio da análise de imagens do Arquivo Nacional, O Cruzeiro e Revista Ilustrada, realizar uma visualização crítica sobre a situação, sobretudo dos mais jovens, no que rege o tema do desmanche de favelas durante o regime militar sob a cidade do Rio de Janeiro e o tema do estereótipo da população favelada durante a opressão do Estado.

Ao deparar-se com um recorte histórico, o receptor é convidado a fazer uma análise crítica do que está sendo visto na fotografia, se entrelaçando com as visualidades presentes, para assim compreender o que aquela imagem quis transmitir e qual a mensagem que fica, quando visto hoje, sobre os processos históricos pelo qual a população carioca atravessou.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- AMOROSO, Mauro. (2009). De braços abertos num cartão postal? Duas favelas da zona sul carioca na “era das remoções” pelas lentes do Correio da Manhã. 95-108.
- BERGER, John. (1972) *Ways of Seeing*. London: Penguin Books.
- GOV.ArquivoNacional. Remoções de favelas no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2022. Acesso em 20/08/2025. https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br/servicos/publicacoes/copy_of_remocoes_de_favelas_no_rio_de_janeiro.pdf.
- VAINER, Carlos. (2011). *Cidade de exceção: reflexões a partir do Rio de Janeiro*. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PLANEJAMENTO URBANO (ANPUR), Rio de Janeiro.
- DUBOIS, Philippe. (1993); FURTADO, Beatriz (org.). *Pós-fotografia, pós-cinema: novas configurações das imagens*. São Paulo: Edições Sesc SP.
- ROLNIK, Raquel. (1997) *O que é cidade*. São Paulo: Brasiliense (Coleção Primeiros Passos).
- TURAZZI, Maria. (2008). O ‘homem de invenções’ e as ‘recompensas nacionais’: notas sobre H. Florence e L. J. M. Daguerre. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, São Paulo.
- VALLADARES, Licia. (2005). *A invenção da favela: do mito de origem à favela*. Rio de Janeiro: FGV Editora.
- GONÇALVES, Rafael (2014). Golpe Militar e Remoções das Favelas Cariocas: Revisitando um Passado Ainda Atual. *Acervo* 27, no. 1 (2014): 209-226.

Editoração e exclusão: a construção midiática da infância pobre no Rio (1950-1970)

Priscila Teixeira Tabira dos Santos¹

Resumo: Este artigo analisa a representação da infância pobre nas favelas cariocas pelas lentes das revistas ilustradas *O Cruzeiro* e *Manchete* entre as décadas de 1950 e 1970, por meio de uma abordagem crítica da fotografia e da cosmetização da realidade, demonstra-se como essas publicações construíram estereótipos que naturalizaram a miséria, criminalizaram a pobreza e transformaram a vida das crianças em espetáculo ou drama. A análise revela então que, sob a aparência de neutralidade jornalística, operava uma violência simbólica que reforçava hierarquias sociais e raciais, bem como justificava a desigualdade. Conclui-se logo que, tais narrativas midiáticas permanecem influentes nos dias de hoje, ressaltando portanto a necessidade de desnaturalizar as imagens/ impressões que perpetuam exclusões.

Palavras-chave: infância, favela, representação midiática.

INTRODUÇÃO

A cidade do Rio de Janeiro, com sua topografia singular e dinâmica social complexa, viu as favelas se tornarem elementos centrais de sua iconografia, especialmente entre as décadas de 1950 e 1970, período de intensa urbanização e expansão desses territórios. Paralelamente, acontecia a consolidação da imprensa ilustrada como potente veículo de formação do imaginário social. Desse modo, no texto iremos investigar como revistas como *O Cruzeiro* e *Manchete*, que atuavam com alta circulação no Brasil, representaram a infância favelada por meio da fotografia não como registro neutro, mas como instrumento de construção de narrativas que oscilavam entre a denúncia paternalista e espetacularização da pobreza,

como foi formulado por Samuel Oliveira (2024)

A fotografia sendo esse meio de objetificação é entendida como objeto cultural e tecnológico que transcende a mera captura da realidade para tornar-se ferramenta ativa na produção de significados. Com a popularidade então, foi vinculado a periódicos que editaram, recortaram e enquadraram a realidade segundo seus interesses específicos. Esses também chamados de revistas ilustradas surgiram no Brasil como meios de difusão das ilustrações e ascensão social das classes médias e elites, e mesmo sendo sustentadas por equipes, visões de mundo e talvez até pactos de leitura diferentes, os veículos *Manchete* e *O Cruzeiro* eram regidas por uma lógica midiática comum, que atuava como agentes de cosmetização, no postulado de Landowski (1992, p. 48), entendemos que esse é um tipo de discurso iconográfico impõe ao indivíduo. No postulado de Landowski (2004: 48), entendemos que esse tipo de discurso iconográfico impõe ao indivíduo um modelo identitário pré-concebido no qual ele deve ser moldado, consequentemente reservando um lugar marginal para a exploração das singularidades individuais, exigindo que seja apagado tudo que possa destoar do personagem criado para o indivíduo

“(...) ele trabalha o “perfil” do sujeito retratado – o engrandece, o “embeleza” se quisermos, ou antes o normaliza – de maneira a tornar sua aparência tão conforme quanto possível a um cânone de representação da função ou do estatuto que ele assume na sociedade. Ao impor assim ao indivíduo um modelo identitário pré-concebido, espécie de traje prêt-à-porter no interior do qual ele deverá se deixar moldar, tal regime iconográfico reserva, por definição, um lugar apenas marginal para a exploração das singularidades individuais. É preciso de fato apagar tudo o que possa destoar na pessoa para que o personagem, elemento de uma classe – política, social, profissional ou outra – ... possa entrar na galeria dos retratos”

Com essa sociossemiótica temos um filtro cultural, definindo o que

é ou merece ser visível para o público e como esse conteúdo iria ser visto, sendo assim, uma editoração que apenas expõe o seu interesse estratégico e transforma um espaço, objeto ou pessoa em um consumo estético, priorizando a aparência e valor simbólico, em detrimento do significado intrínseco. Com isso a infância pobre foi midiaticizada, tornando-se alvo de enquadramentos que a reduzem a arquétipos como “vítima”, “ameaça” ou “exótica”.

O RETRATO DA INFÂNCIA NA MÍDIA: ENTRE “FUTUROS DA NAÇÃO” E “PEQUENOS MARGINAIS”

A infância, enquanto categoria social, é construída por múltiplas perspectivas jurídicas, biológicas e culturais (Ariès, 1981). No Brasil, até 1990, vigorava o Código de Menores de 1927 ou também chamada Lei Mello Mattos que, sob o pretexto de “assistência e proteção”, categorizava crianças vulneráveis como “menores em situação irregular”² ; porém as condições

¹ Técnica em Meteorologia (CEFET/RJ) e graduanda em Jornalismo (UFF), email: priscilatsanto@gmail.com

² “Art. 26. Consideram-se abandonados os menores de 18 anos: I. que não tenham habitação certa, nem meios de subsistência, por serem seus pais falecidos, desaparecidos ou desconhecidos ou por não terem tutor ou pessoa sob cuja guarda vivam; II. que se encontrem eventualmente sem habitação certa, nem meios de subsistência, devido a indigência, enfermidade, ausência ou prisão dos pais. tutor ou pessoa encarregada de sua guarda; III, que tenham pai, mãe ou tutor ou encarregado de sua guarda reconhecidamente impossibilitado ou incapaz de cumprir os seus deveres para, com o filho ou pupilo ou protegido”

“Art. 28. São vadios os menores que:b) tendo deixado sem causa legítima o domicílio do pai, mãe ou tutor ou guarda, ou os lugares onde se achavam colocados por aquele a cuja autoridade estavam submetidos ou confiados, ou não tendo domicílio nem alguém por si, são encontrados habitualmente a vagar pelas ruas ou logradouros públicos, sem que tenham meio de vida regular, ou tirando seus recursos de ocupação imoral ou proibida.”

³ “O menor, de um ou outro sexo, abandonado ou delinquente, que tiver menos de 18 anos de idade, será submetido pela autoridade competente às medidas de assistência e proteção contidas neste Código”

⁴ “Art. 61,II Si menores de idade inferior a 18 anos forem achados vadiando ou mendigando, serão apreendidos e apresentados à autoridade judicial, a qual poderá. Si a vadiagem ou mendicância fôr habitual interná-los até à maioridade em escola de preservação”.

estavam frequentemente ligadas à pobreza , categorizando-a como desvio moral. Seu Art. 1º³ enquadrava como tal aqueles em estado de "vadiagem, mendicância ou libertinagem" (Brasil, 1927)

Essa fundamentação legal não apenas previa a internação obrigatória⁴ em "lugares convenientes", mas também forneceu o arcabouço jurídico que legitimou a estigmatização midiática. Nas revistas ilustradas das décadas de 1950 a 1970, essa lógica se materializou em uma clara bifurcação representacional: de um lado, crianças brancas e abastadas eram retratadas como o "futuro da nação"; de outro, crianças negras e pobres das favelas eram representadas como "pequenos marginais" ou vítimas pitorescas. Essa dicotomia não apenas refletia, mas reforçava ativamente os discursos higienistas e classistas da época, atribuindo significados que perduram até hoje no imaginário social.

ANÁLISE DO DISCURSO: O CRUZEIRO E A CONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS

A revista *O Cruzeiro*, com seu estilo sensacionalista e investimento em reportagens sociais empregando a construção de narrativas sobre a infância favelada, e nesses quatro eixos narrativos destacam-se:

1. Naturalização da miséria como destino: Fotografias de crianças franzinas, com expressões interpretadas como tristes, estavam acompanhadas de estatísticas descontextualizadas na matéria “Uma História de Sobreviventes”(1950), que falava sobre a mortalidade infantil decorrente de doenças infectocontagiosas na favela, transformava a desigualdade sanitária em fatalidade biológica.



(Fotos: “Uma História de Sobreviventes, 1950”)

2. Criminalização preventiva da pobreza: Crianças e adolescentes eram associados à delinquência, justificando intervenções repressivas, isso por causa de lógica circular: a favela é apresentada como espaço de criminalidade, portanto as crianças que ali nascem seriam predispostas ao crime, o que por sua vez justifica o tratamento repressivo. A foto à esquerda exemplifica brilhantemente essa construção ideológica, na imagem o detetive Perpétuo acariciando a cabeça de uma criança favelada seria, à primeira vista, uma cena de afeto, contudo, a legenda "A favela pode fazer deste garoto um bandido" revelando a verdadeira mensagem, mesmo na inocência aparente, esconderia uma natureza criminoso a ser contida, e nessa se justifica a intervenção policial violenta na vida desses menores a institucionalização preventiva em reformatórios, como o da Ilha do Carvalho



Foto da esquerda "O rei do morro não gosta de matar, 1960"; foto da direita "Desagregação da família, 1959")

3. Estetização da pobreza como entretenimento: A miséria era romantizada através de lentes folclóricas, na mesma matéria sobre mortalidade infantil que apresenta números dramáticos, a revista publica a foto de um bebê com violão, acompanhada da legenda: "Na favela pode faltar tudo, menos o violão. A criancinha que às vezes não tem leite para beber, começa cedo a sentir essa espécie de predestinação para o samba". Aqui, a fome é estetizada, transformada em pitoresco, e a herança cultural é reduzida a determinismo biológico ou "predestinação". Por isso, Fabris (2009) argumenta que, apesar de aparentar neutralidade, a fotografia carrega pressupostos ideológicos e estéticos. Essa abordagem também cumpre dupla função, por um lado, distancia emocionalmente o leitor da realidade retratada, pois cria-se um imaginário de "exotismo", então seria algo próprio da natureza diferente deles, e transforma a desigualdade em espetáculo consumível pelas elites



(Foto: “Uma História de Sobreviventes, 1950”)

4. Filantropia como substituição à justiça social: Nessas matérias casos isolados de “salvação” por caridade individual eram heroificados, enquanto a omissão estatal permanecia intocada. Essa narrativa é particularmente perversa por sugerir que a pobreza pode e deve ser resolvida por gestos individuais de boa vontade e não por políticas estruturais.



A ABORDAGEM DA *MANCHETE*: DISTANCIAMENTO E EXOTIZAÇÃO

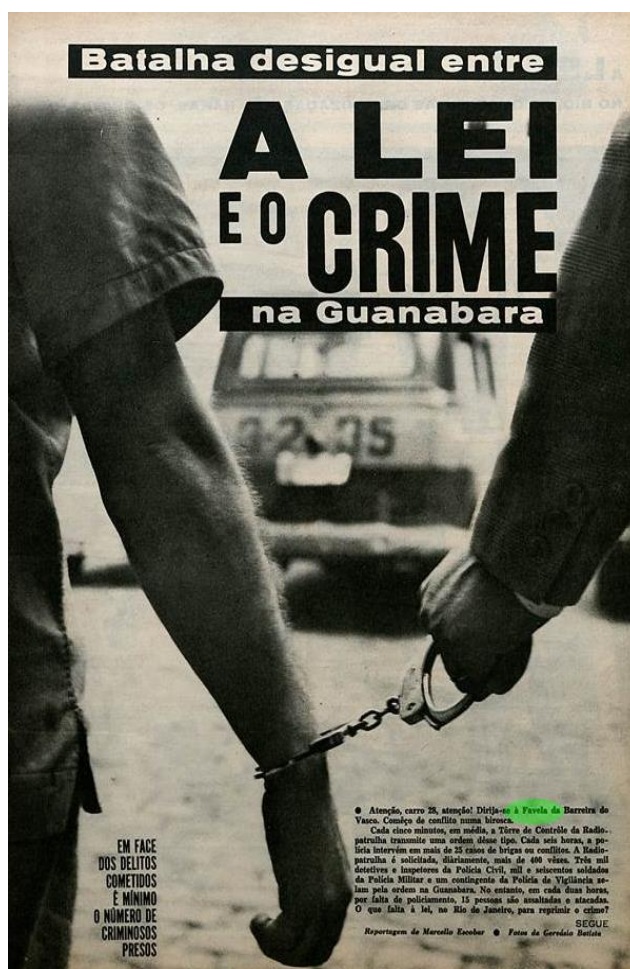
1. Pobreza como drama: Matérias como “Anjos de pés na lama” (1959), sobre uma diplomata que leva assistência humanitária à favela, a estratégia midiática é associar as crianças a símbolos religiosos para causar piedade no leitor, mas sem criticar a causa da miséria. Como

evidência da cosmetização, na capa da matéria há a frase, “Senhoras da sociedade vão levar assistência às populações abandonadas na favela” essas usando simbolismo religioso



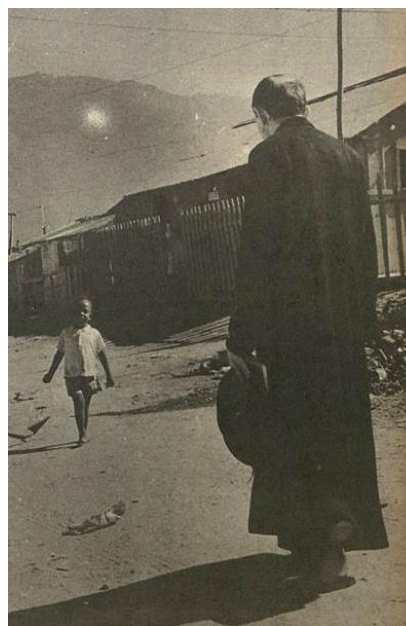
(Foto: “Anjos de pés na lama, 1959” foto por Gervásio Batista)

2. Favela como espaço de degradação moral: Reportagens que citavam jovens negros os associavam a criminalidade, pelo fato de morarem em um morro, na utilidade do termo de título de uma das matérias, por exemplo, “batalha entre lei e o crime” podemos comprovar o fato. Em meio a barbaridade que os menores vivem não é citado a ausência de políticas públicas para mudar a realidade e operações policiais brutas que incitam ódio, como por exemplo as remoções forçadas nos anos 1960, e com essa imagem, são reforçados os estigmas territoriais e o Código de Menores de 1927.



(Foto: “Batalha desigual entre a lei e o crime, 1962” por Gervásio Batista)

3. Sensacionalismo e exotização: Em matérias como “Na favela até os cachorros gostam de D. Helder” (1956), “Gimbinha”(1959) e “Os jovens querem arranjar as favelas”(1960) lendo os títulos podemos notar que o autor deu a pobreza um ar de algo espetacular e diferente, como se existissem dois mundos, o mundo ordenado e o mundo caótico, onde no segundo pessoas tentam sobreviver, tal afirmação comprova quando notamos a fala de Dom Helder na ocasião da matéria acima citada (“Na favela até os cachorros gostam de D. Helder”), onde a autoridade planejava fazer conjuntos habitacionais para a população da favela e declara “Vida na favela quase humana”



(Fotos: “Na favela até os cachorros gostam de D. Helder, 1956”)

A aparente neutralidade das imagens muitas vezes não dirigidas e sem closes marcantes criava uma ilusão de transparência que, na verdade, esvaziava as crianças da sua individualidade, transformando-as em tipos sociais genéricos, o que corrobora a análise de Buitoni (2010), em seu trabalho a autora analisa imagens de crianças na mídia impressa e classifica as crianças frequentemente como figurantes que compõem as cenas, sem um fundo ou contexto espacial identificável e são geralmente produzidas para expressar um conceito remetendo à faixa etária e não a indivíduos específicos.

CONCLUSÃO

As representações da infância pobre nas revistas *O Cruzeiro* e *Manchete* entre 1950 e 1970 não foram meros registros, mas construções discursivas que serviam a interesses editoriais e ideológicos. Através de

estratégias de cosmetização, naturalização, criminalização e exotização, essas publicações produziram estereótipos que reduziram crianças complexas a caricaturas unidimensionais. Como alertou Barthes (1984), por trás de toda imagem aparentemente objetiva há uma carga ideológica.

Os estereótipos criados pela revista *Cruzeiro* (vítima, ameaça, exótica e recuperável) e pela revista *Manchete* (pobreza como drama, favela com espaço de degradação moral e pobreza como sensacionalismo e exotização) não são registros verídicos da realidade, mas instrumentos ativos de construção social. É possível entender que o meio de comunicação operava uma dupla violência simbólica: primeiro ao transformar seres humanos complexos em caricaturas unidimensionais, segundo ao naturalizar a desigualdade, apresentando-a como destino inevitável ou falha moral individual, nunca como resultado de escolhas políticas e econômicas.

O legado dessas narrativas permanece vivo no jornalismo contemporâneo, nas políticas públicas e no imaginário social sobre as favelas. Desconstruí-las é, portanto, um exercício necessário para contestar visões estereotipadas e avançar em direção a representações mais justas e humanizadoras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIÈS, Philippe. (1981). *História Social da Criança e da Família*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC.
- AZOULAY, Ariella. *História Potencial: Desaprender o Imperialismo*.
- BARTHES, Roland. (1984). *A Câmara Clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BRASIL. Decreto nº 17.943-A, de 12 de outubro de 1927. Consolida as disposições sobre estatística educacional. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1910-1929/d17943a.htm.
- BITONI, Dulcília Helena Schroeder. (2010). *Fotojornalismo e Ilustração: Imagens de Crianças na Mídia Impressa*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 33., 2010, Caxias do Sul. *Anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom*. Caxias do Sul: Intercom, 2010.

FABRIS, Annateresa. (2009). Fotografia e arredores. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

LANDOWSKI, Eric. (2004). Flagrantes delitos e retratos. Galáxia, São Paulo, n. 8, p. 31-69.

TURAZZI, Maria Inez. (2015). O 'homem de invenções' e as 'recompensas nacionais'. In: TURAZZI, Maria Inez (Org.). *Fotografia e ciência: ensaios sobre a imagem técnica no Brasil (1840-1920)*. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, p. 19-45.

Análise da Imagem do detetive Perpétuo de Freitas nas revistas ilustradas O Cruzeiro e Manchete no século XX

Thiago Ferreira Postigo Pereira³

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo entender a representação da figura do policial dentro do fotojornalismo que cobria notícias sobre as favelas cariocas. Destaca-se a figura do Detetive Perpétuo de Freitas nas décadas de 1950 e 1960. Utilizando uma perspectiva crítica, com ideias baseadas no aporte teórico de autoras como Azoulai, Bentes e Hamburger, foi possível compreender como a figura deste policial em específico foi utilizada para transmitir uma determinada perspectiva sobre os policiais como um todo e sua atuação dentro do espaço das favelas cariocas. Analisando o conteúdo de duas reportagens foi possível observar uma tentativa de exaltar as qualidades do policial, mostrar uma aproximação com a população das comunidades e justificar as atitudes do mesmo. Por fim, foi possível concluir que a figura de Perpétuo de Freitas foi enquadrada num arquétipo similar ao de um heroico xerife de filmes hollywoodianos, caçando bandidos em uma terra selvagem.

PALAVRAS-CHAVE: Polícia, Favela, Fotojornalismo.

INTRODUÇÃO

O presente artigo faz um panorama sobre a maneira como eram representados os membros da polícia, dando foco em especial a polícia do estado do Rio de Janeiro eram representados durante suas atuações nas favelas e comunidades, num período onde o fotojornalismo e o ensaio fotográfico em

³ Aluno bolsista de Iniciação Científica vinculado ao *Prosas: História Pública e Educação* (<https://historiaemprosa.com.br/>), financiado com recursos da FAPERJ, CNPq e CEFET-RJ. É orientado pelo Prof. Dr. Samuel Silva Rodrigues de Oliveira.

revistas ilustradas tinha grande importância como forma de transmissão de imagens e visualização dos acontecimentos. Tendo como suas principais ferramentas para atingir esse objetivo, a análise das imagens da revista ilustrada *Manchete* e *O Cruzeiro*, recolhidas do acervo online da biblioteca nacional, e a catalogação das mesmas em um inventário sumário e em um inventário analítico, ambos sendo confeccionados a partir de uma série de critérios considerados basilares para registrar os dados mais relevantes, não somente sobre cada imagem em si, mas também sobre o contexto no qual ela foi apresentada dentro de sua respectiva edição da revista.

A polícia brasileira possui uma longa história de combate ao crime dentro dos espaços urbanos do país, sendo dividida em duas organizações, uma militar e uma civil, que atuam em conjunto com o objetivo de garantir a manutenção da segurança pública e o controle da criminalidade. Ambos os braços da polícia possuem um papel importante na sociedade brasileira e diante disso também possuem uma representação significativa no decorrer da história dos veículos midiáticos de informação, os quais buscam criar uma determinada imagem dos policiais e das instituições para seus públicos, uma imagem essa que muitas vezes está relacionada a força do Estado e o seu papel como protetor da ordem.

Numa análise da forma como esses atores são representados dentro da realidade das revistas ilustradas, é de suma importância realizar uma contextualização do cenário no qual eles estão inseridos, visto que em toda fotografia existe uma relação entre o sujeito da fotografia e o meio no qual ele se encontra, na qual o meio possui papel instrumental em definir o sentido que é passado pela fotografia em que o sujeito está presente. No que abrange a pesquisa deste trabalho, o principal cenário que é analisado é o das favelas cariocas, um conjunto de locais que é muito emblemático dentro do espaço urbano da cidade do Rio de Janeiro, que foi estigmatizado como espaço e lugar das “classes perigosas” - um estereótipo de classe e raça.

Dentre os principais sentidos atribuídos a favela, os que possuíam a maior força eram aqueles que pregavam que aquele espaço era nocivo para o cenário urbano do Rio de Janeiro e que ele deveria ser ‘limpado’, dentro de uma

perspectiva higienista, com seus moradores indesejados sendo deslocados para longe. Dessa forma, foram feitos diversos esforços de repressão no início do século XX, tendo a polícia local, tanto a polícia militar, como a polícia civil, como principal ator desse processo de repressão. Além disso, os grandes veículos de mídia realizavam um esforço de promoção positiva deste trabalho, apresentando o papel repressor da polícia de uma forma positiva.

No que diz respeito aos veículos de mídia do século XX, as revistas ilustradas tinham uma presença significativa no campo da mídia informativa de acesso ao público em massa. Tendo sua origem no exterior durante o século XIX, as revistas ilustradas tiveram um desenvolvimento mais lento no Brasil, se tornando somente amplamente populares durante a primeira metade do século XX. Entre os fatores os quais levaram as revistas ilustradas, como a Manchete e O Cruzeiro, ao nível de popularidade que elas atingiram no século XX, o principal deles foi a presença de diversas fotografias nas reportagens.

A fotografia como ferramenta de transmissão de informação visual possui uma natureza tida como mais tangível para a população geral, sendo tida como uma representação fiel da realidade. Entretanto, é importante mencionar que existe um conjunto de nuances que deve ser entendido quando se analisa uma imagem fotográfica, visto que como todo meio de transmissão de informação, ela também é perpassada por diversas escolhas por parte dos fotógrafos que influenciam a mensagem que é passada sobre determinado evento por meio de uma foto.

A IMPORTÂNCIA DA FOTOGRAFIA

Segundo Azoulay (2019), a história da fotografia dá prioridade a vozes dominantes e busca perpetuar a estrutura de poder existente, sendo uma ferramenta que exclui aqueles que são marginalizados. Entretanto, essa relação de poder não se encontra somente nos eventos históricos, mas também nas próprias fotografias, que embora sejam reconhecidas por muitos como as representações mais autênticas da sociedade, todas tem uma construção estética feita numa configuração de poder que privilegia as referências do

norte global. Nesse sentido a fotografia poderia ser utilizada tanto para documentar a história, como para distorcer a realidade para que ela se encaixe em determinada narrativa.

Desse modo seria necessária a possibilidade de reinterpretar o contexto de cada foto para entender qual mensagem foi passada e como ela se relaciona com o ocorrido que está registrado nela, reconstruindo uma memória coletiva por parte das comunidades que foram afetadas pelo discurso hegemônico que teria sido imposto pelo fotógrafo no momento da captura da imagem. Para Azouley (2019), a fotografia deveria ter uma abordagem ética, visto que ela trata não somente com a imagem de pessoas e eventos, mas também com memórias, buscando então evitar a possibilidade de perpetuar discursos de opressão.

Um dos principais motivos pelos quais essas narrativas, disseminadas por meio de registros fotográficos, possuem tamanha facilidade em serem aceitas como realidade pelo público geral é o fato de que a fotografia, como meio de transmissão de informação, é comumente reconhecida como sendo o registro mais próximo da realidade. Entretanto, a fotografia já foi instrumentalizada por parte de diversas organizações políticas, científicas e artísticas com o intuito de legitimar suas narrativas e assim obter poder por meio do controle da forma como é representado determinado ocorrido. Além disso, os registros fotográficos são subjetivos por natureza, visto que o conceito de enquadramento e de seleção nas fotos são dados para que um fotógrafo possa manipular determinada imagem de modo que ela passe uma mensagem de seu interesse.

O DETETIVE PERPÉTUO NO FOTOJORNALISMO DO SÉCULO XX

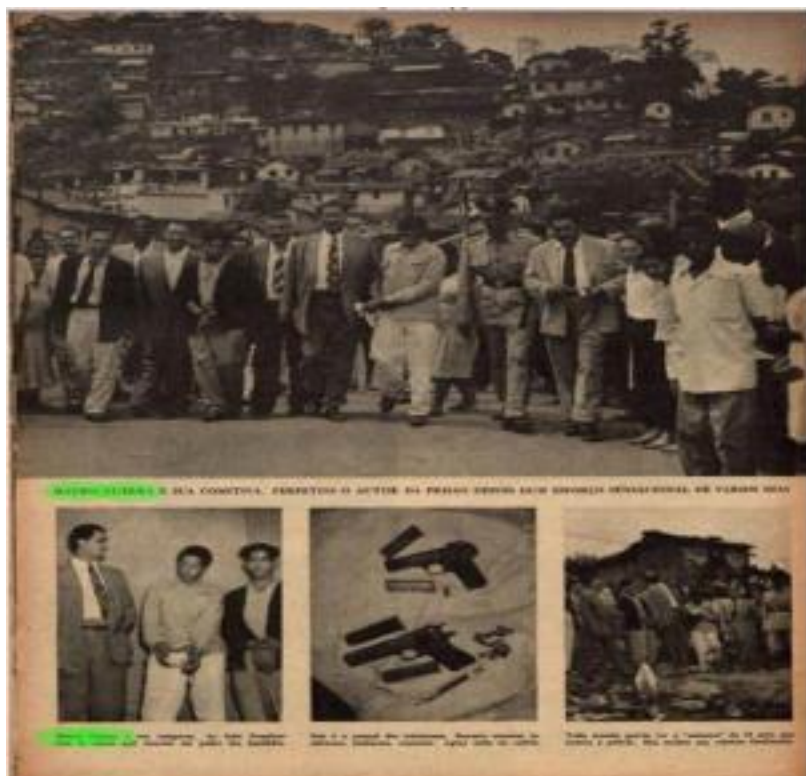
É possível dizer que dentre os tópicos abordados pelas revistas ilustradas do século XX, a criminalidade das favelas do Rio de Janeiro frequentemente tinha grande destaque. Com isso, é importante reconhecer que as fotorreportagens desenvolvidas sobre esse tema continham alguns arquétipos de personagens

que se faziam presentes, tanto no material fotográfico, como no corpo textual, sendo eles os próprios criminosos, os moradores da região e os policiais.

Nas décadas de 1950 e 1960, um indivíduo que frequentemente se fazia presente nessas reportagens sobre a criminalidade nas comunidades cariocas, representando o personagem do policial, aquele que adentrava nesse espaço caótico e permeado pela criminalidade trazendo a ordem e impondo a lei: o Detetive Perpétuo de Freitas. Um homem alto, de figura imponente e que possuía uma personalidade forte, Perpétuo foi o foco de diversas fotorreportagens que, em sua grande maioria, detalhavam as prisões realizadas por ele dentro das favelas, até sua morte, no ano de 1964, que também teve grande destaque na mídia. Embora, não tenha tido uma posição de importância na gestão da polícia do Rio de Janeiro, sua imagem pode ser entendida como uma das principais representações da figura do policial nesse modelo de transmissão de informação, o que faz com uma análise dessa imagem seja importante para o entendimento das visões que eram passadas sobre essa instituição importante e controversa dentro da esfera pública.

Quando se busca entender uma realidade histórica, ou parte dela, por meio de registros fotográficos, sejam eles isolados ou parte de uma série definida, é necessário entender que a fotografia não é uma representação direta da realidade, mas uma construção feita com vieses, tanto por parte dos fotógrafos, como por parte dos editores. Em outubro de 1953, foi preso o criminoso Mauro Guerra, de 19 anos, autor de uma série de roubos e homicídios, chefe de uma quadrilha com 12 membros, no Morro da Mangueira na Zona Norte da Cidade do Rio de Janeiro.

Na reportagem da revista Manchete, Carlos Alberto Tenório, autor do texto, primeiro descreve a captura de Mauro Guerra, com o Detetive Perpétuo entrando em luta corporal com o criminoso e um comparsa após uma tocaia de 5 dias dentro da favela. Subsequentemente é feita uma entrevista com Mauro, onde ele conta sobre sua vida e trajetória no crime, após isso são expostas as fotografias da reportagem, que foram tiradas após sua captura, enquanto o jovem era escoltado para fora do morro.



Nessa série de quatro fotografias tiradas após a captura de Mauro Guerra é possível ver não somente o Detetive Perpétuo e os criminosos, mas também um grupo maior de policiais e os moradores do Morro da Mangueira. A primeira imagem demonstra o grande grupo com a favela ao fundo, andando em direção a câmera com Perpétuo de Freitas, ao centro, em uma postura reta e imponente enquanto Mauro Guerra caminha de lado e com a cabeça baixa, dividindo uma semelhança com a terceira imagem que, embora tenha sido tirada de outro ângulo, mostra o mesmo tipo de composição. A segunda imagem, novamente com o detetive e o criminoso com o mesmo tipo de postura, inclui a figura do comparsa, que olha diretamente para a câmera. Por fim, a terceira imagem embora não demonstre nenhuma das pessoas previamente citada, ela demonstra as armas utilizadas pelos criminosos.

Fazendo uma análise imagética de toda essa série é possível notar a presença de um fenômeno similar ao conceito de pobreza consumível exposto por Bentes (2007), onde as imagens trazem uma espetacularização da favela e da sua criminalidade para as pessoas de fora, com a polícia agindo como um

ator de ordem nesse meio permeado por pessoas violentas, num contexto anterior aquele estudado pela autora, demonstrando um caráter precursor basilar para esse tipo de construção imagética dentro da mídia brasileira.

Em 2 de janeiro de 1960, na cidade do Rio de Janeiro, a revista O Cruzeiro, em sua edição de número 12 lançou uma reportagem intitulada “O Rei do Morro não gosta de matar”. No que diz respeito a grande maioria das mídias relacionadas a favelas, a figura do rei, chefe, dono e outros títulos de liderança e poder no morro está ligada a um criminoso, o que segundo Bentes (2007) estaria ligada as principais formas padrões de representação do espaço da favela, vendendo uma ideia de um bandido como agente dominante violento que controla um ambiente destacado do Estado, ou de um bandido que demonstra a opulência e o hedonismo da nobreza. Entretanto, neste caso essas representações não se fazem presentes, com o “rei do morro” sendo o Detetive Perpétuo, o que levanta outros questionamentos.



A capa da reportagem, uma imagem que toma metade das duas páginas, mostra o detetive Perpétuo de Freitas de costas para o morro, usando terno e com uma mão em sua cabeça, olhando para baixo de modo pensativo e com grande destaque. Já na segunda imagem é possível ver o policial interagindo com uma criança. É possível também notar o texto, que conta da forma como o detetive fez um criminoso cavar o seu próprio túmulo e o assustou com tiros

e ameaças. O contraste estabelecido entre o texto e a imagem ao seu lado é forte, o mesmo homem que interage de forma pacífica com uma criança, utiliza de táticas criminosas para conseguir informação, mas ao mesmo tempo não é condenado por isso na reportagem, pelo contrário, é aclamado por sua engenhosidade. Segundo Hamburger (2017), o controle da narrativa e da memória imposto sobre a favela por parte daqueles que tem o poder apaga visões locais e impõe outros modos de ver sobre determinados fatos e espaços, sendo assim é necessário assumir uma postura crítica em relação a isso e pensar no modo como as situações são representadas. Neste caso também é necessário contextualizar que no decorrer desta reportagem o detetive Perpétuo se faz presente no espaço da favela na busca por um bandido, agindo de diferentes formas para tal fim durante a cobertura, mas em todo momento tomando um perfil heroico, muito similar ao de um xerife ou homem da lei em um contexto cinematográfico de velho-oeste.



A reportagem segue e inclui mais duas imagens que aparentemente detalham uma mesma cena em pontos e perspectivas diferentes, uma de uma multidão em volta de um corpo estirado no chão da favela e outra do detetive Perpétuo olhando pensativo com pessoas em volta dele. Pela legenda das duas imagens é possível entender que Perpétuo matou o homem, mas somente porque precisava proteger sua própria vida. Isso demonstra uma tentativa de

humanizar e enobrecer a figura do detetive, que teria um código moral forte e uma habilidade letal, o que remete a uma situação similar a um conceito levantado por Bentes (2007) de uma caracterização da favela com bandidos, ou nesse caso policiais, que não seriam somente violentos e criminosos, mas figuras que tivessem respeito e fossem considerados “gente boa” pela população da favela, sendo reconhecido em um veículo midiático diferente e anterior ao estudado pela autora, onde mesmo havendo uma diferença no passo e no alcance, sendo consumido majoritariamente pela população de classe média que vivia em regiões fora do espaço marginalizado das favelas, mas com uma clara similaridade no objetivo de passar uma visão sobre esse espaço, os atores nele presentes e os fatos que ocorrem dentro dele.



Essa caracterização continua, com mais duas imagens mostrando Perpétuo interagindo com moradores da favela que estão confortáveis e se mostram amigáveis em sua presença. Essa sequência de fotos mostra uma situação diferente da usual, onde policiais e moradores da favela se veem em lados opostos, desconfortáveis e desconfiados na presença um dos outros.



Já a próxima imagem da coleção demonstra Perpétuo de Freitas utilizando um disfarce, nessa fotografia é muito clara a representação do policial como um xerife, um homem da lei, chegando em um ambiente sem ordem e trazendo a justiça consigo, portando um chapéu de vaqueiro, esporas, bandoleira e revolver, bem como os personagens dos filmes de velho oeste dos filmes de Hollywood, demonstrando a engenhosidade do policial, enquanto o texto ao lado da imagem humaniza ainda mais o detetive, que expõe seus medos e o seu pensamento de que a violência não seria a melhor forma de corrigir criminosos. Novamente isso vai contra a percepção comum de que a figura do policial e a sua atuação na favela estaria ligada diretamente a violência, expondo um exemplo de um agente da lei que não acreditaria nisso.



Por fim, a última imagem da reportagem mostra Perpétuo em seu disfarce andando pela favela em frente algumas mulheres, que aparentam estar calmas com sua presença. Na totalidade dessa reportagem o detetive é mostrado como um policial consciente e que possui o respeito e a admiração da população da favela, mesmo que ele aja de modo violento e até criminoso em alguns momentos. Levando em consideração tanto as fotografias, como também os textos expostos na reportagem e retomando as ideias levantadas por Hamburguer (2017), é possível questionar a intenção por trás da visão que está sendo passada pela revista O Cruzeiro.

O detetive Perpétuo de Freitas seria uma figura utilizada para representar a polícia, entretanto o modo como ele está exposto na reportagem vai contra a atuação real dos policiais na maioria dos casos, sendo ele exposto de um modo que remete a uma figura similar ao bandido “gente boa” que estaria presente nos modos como a mídia expõe a favela novamente aplicando o conceito desenvolvido por Bentes (2007) a uma situação não descrita pela autora mas que demonstra bastante semelhança em termos de objetivo e caracterização dos personagens, possivelmente suprimindo a memória negativa sobre os agentes de segurança nesses espaços marginalizados.

CONCLUSÃO

No decorrer da análise deste artigo foi discutida a representação da figura do policial, exemplificada pela imagem do Detetive Perpétuo de Freitas, dentro do fotojornalismo das revistas ilustradas *Manchete* e *O Cruzeiro* no século XX. Segundo Azoulai (2019), a fotografia dá prioridade a vozes dominantes, levando em consideração o público desses veículos de mídia, a população de classe média, é possível entender que a garantia de determinada perspectiva sobre a polícia como instituição e dos policiais como indivíduos era de suma importância para aqueles que detinham o controle sobre as narrativas.

Diante disso, a análise da representação de Perpétuo de Freitas na *Manchete* e posteriormente na revista *O Cruzeiro* é uma forma de entender não somente como eram expostas essas narrativas, mas também a forma como a fotografia, determinada pelo fotógrafo e do editor, era utilizada para construir uma imagem favorável sobre esse indivíduo. Com isso, foi possível levantar um questionamento sobre a forma como a sua caracterização como um “xerife” astuto, querido e com um forte código moral entra em conflito com suas ações e atitude que poderiam chegar a ser criminosas. Por fim, embora o modelo de revistas ilustradas não tenha mais tanta presença na sociedade atual, é notório que esse tipo de caracterização ainda pode ser identificada atualmente com outros indivíduos da polícia, sendo importante expandir a análise sobre a representação dessas figuras e seu impacto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZOULAY, Ariella. (2019). *Potential History: Unlearning Imperialism*. Londres: Verso.

BENTES, Ivana. (2003). Sertões e favelas no cinema brasileiro contemporâneo: estética e cosmética da fome. In: XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belo Horizonte.

HAMBURGER, Esther. (2017). *Guerra de Imagens: Da Revolução de 1930 à queda do Muro de Berlim*. São Paulo: Companhia das Letras.

Fotogracia e a importância de seu trabalho na documentação da memória da favela e do favelado nas redes sociais

Layza Barbosa da Silva

RESUMO

Este artigo analisa a trajetória da fotógrafa Fotogracia (Salem na Rocinha – forma de tratamento escolhida pela própria artista), desde 2020, quando cria um perfil no Instagram para divulgar sua produção autoral. A pesquisa observa como as plataformas digitais têm contribuído para a construção e circulação de novas imagens sobre a favela e seus moradores, evidenciando uma dinâmica marcada por tensões. De um lado, as redes sociais permitem que sujeitos favelados assumam o controle de suas narrativas, desafiando estigmas historicamente associados ao território. De outro, a visibilidade crescente dessas imagens também acompanha processos de comoditização da favela, que passa a ser consumida como produto cultural e turístico, sobretudo no contexto do turismo de experiência em espaços considerados “exóticos” ou “autênticos”. Inspirada por referências como André Cypriano, a atuação de Fotogracia revela um olhar sensível, estético e politicamente engajado, que valoriza o cotidiano e a potência cultural da Rocinha. A análise será conduzida a partir de um inventário visual de suas fotografias publicadas nas redes, em articulação com encontros presenciais e entrevistas, de modo a compreender os sentidos atribuídos pela artista à sua produção, suas motivações e estratégias no campo da cultura visual contemporânea.

INTRODUÇÃO

A escolha do tema deste artigo está profundamente enraizada na minha trajetória pessoal enquanto mulher favelada. Minha família, originária do estado da Paraíba, migrou para o Rio de Janeiro em meados da década de 1980, estabelecendo-se na favela da Rocinha em busca de melhores condições de vida – movimento comum entre famílias nordestinas naquele período. Cresci em um território marcado por múltiplos desafios estruturais, mas também por uma

riqueza cultural e simbólica que, historicamente, foi invisibilizada ou reduzida a estigmas no imaginário social dominante. É a partir dessa vivência concreta que emerge o interesse em investigar como a produção imagética contemporânea tem atuado na desconstrução das representações negativas atribuídas à figura do favelado, com especial atenção ao contexto da Rocinha.

Um dos aspectos que despertou meu olhar foi o crescente trânsito de pessoas oriundas de camadas sociais mais altas pela favela, movimento que parece estar diretamente relacionado às novas formas de representação da Rocinha nas plataformas digitais. Nesse processo, destaca-se o trabalho da fotógrafa Fotogracia (Salem na Rocinha – forma de tratamento adotada por escolha da própria artista), cujas imagens oferecem um olhar sensível, íntimo e subjetivo sobre o território. Suas fotografias registram paisagens, personagens e dinâmicas cotidianas de maneira a desafiar os estereótipos que associam a favela exclusivamente à violência e à precariedade. Ao mesmo tempo em que rompe com essas narrativas, sua produção atrai novos públicos e contribui para o reposicionamento simbólico da favela no cenário urbano e midiático.

Inspirado em autoras como Licia do Prado Valladares, especialmente em *A gênese da favela carioca*, este artigo busca compreender de que maneira tais representações contribuem simultaneamente para a ressignificação da Rocinha e para sua comoditização enquanto produto cultural e turístico. Desde a década de 1990, as favelas do Rio de Janeiro vêm se consolidando como destinos turísticos, atraindo tanto visitantes estrangeiros quanto brasileiros de outras regiões. Entre as experiências mais procuradas estão as visitas a mirantes, o consumo de produtos locais e os passeios de mototáxi – meio de transporte amplamente utilizado nas comunidades.

Esse processo foi intensificado com a popularização das redes sociais, em especial o Instagram, ainda que suas raízes possam ser rastreadas em plataformas anteriores, como o Twitter (atualmente X). A trajetória de Fotogracia insere-se nesse contexto como uma das precursoras desse movimento, tendo iniciado sua atuação em 2018, quando passou a divulgar suas fotografias na plataforma Twitter. Atualmente, sua produção circula pelo perfil

oficial no Instagram (@afotograccia), que reúne mais de 207 mil seguidores, consolidando-se como um espaço de visibilidade e disputa simbólica da favela no campo da cultura visual contemporânea.



Fotografia 1- Imagem dos irmãos Bryan e Breno tirada durante as gravações do videoclipe "A cara do Crime 3" de Mc Orochi (Brinde À Liberdade) (part. MC Poze do Rodo, Bielzin e Filipe Ret). Fonte: instagram da @afotograccia

A imagem de Fotograccia duas crianças em uma laje da favela, empinando e confeccionando pipas. O menino que veste a camisa de Neymar simboliza o sonho e a projeção de futuro a partir de ídolos populares de origem periférica. A laje, aqui, se transforma em espaço de criação, lazer e pertencimento, ressignificando a arquitetura informal da favela. Ao capturar esse cotidiano, a fotografia desconstrói estereótipos de violência e revela a potência da infância favelada como expressão de resistência, criatividade e memória.

Nesse processo, faz-se pertinente recorrer à teoria de Mikhail Bakhtin, especialmente aos conceitos de dialogismo e heteroglossia, para compreender como essas imagens produzem significados em meio à convivência e ao confronto entre múltiplas vozes sociais. Ao assumir o controle da narrativa visual sobre seu território, a fotógrafa engaja-se em um processo dialógico com discursos anteriores que historicamente silenciaram ou deturpam a vivência favelada. Sua prática não apenas disputa o imaginário coletivo, mas também revela o desejo explícito de ampliar o acesso à cultura dentro da própria favela. Como expressa na entrevista concedida, sua intenção não é apenas “exportar” a cultura da Rocinha, mas também fortalecer a capacidade de seus moradores de produzir e consumir cultura local – inclusive a própria –, resgatando o valor simbólico que muitas vezes é projetado apenas “aos pés do morro”.

Tal gesto reforça a potência criativa da favela e reposiciona seus sujeitos como agentes ativos na construção de identidades visuais e culturais contemporâneas. Além disso, a análise do trabalho de Fotograccia pode ser enriquecida pelas reflexões de John Berger sobre as visualidades, especialmente em *Modos de ver*. Para Berger (1999), toda imagem carrega consigo uma carga histórica e ideológica que influencia a forma como é percebida, dependendo do lugar social de quem vê e de quem é visto. No contexto das favelas, essa relação é ainda mais marcada por desigualdades estruturais, que moldam o olhar hegemônico sobre esses territórios.

Ao registrar a favela de dentro – e a partir de uma perspectiva favelada – Fotograccia rompe com o que Berger denomina “olhar colonizador”, deslocando o ponto de vista tradicionalmente externo e objetificante para um olhar interno, afetivo e politicamente engajado. Suas fotografias não apenas mostram, mas ensinam a ver: reposicionam a favela como sujeito e não mais como objeto da imagem. Assim, o trabalho da fotógrafa insere-se em um campo de disputa de sentidos, configurando o modo como o mundo vê a Rocinha e como seus próprios moradores passam a se ver.

FOTOGRAFIA, SOCIEDADE E A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA FAVELA

Desde sua gênese no século XIX, a fotografia não se limita a um mero registro visual: ela constitui um campo de disputa simbólica. Quando o governo francês tornou pública a patente do daguerreótipo em 1839, inaugurou-se uma nova era na construção do imaginário social e da memória coletiva. Como lembra Berger (2022, p. 27), em *Modos de ver*, “a fotografia nunca é neutra; ela carrega em si os códigos culturais de quem fotografa e os contextos sociais que a produzem”. Essa ambivalência entre objetividade e subjetividade torna-se ainda mais complexa quando aplicada a territórios historicamente marginalizados, como as favelas, frequentemente representadas de forma estigmatizante e instrumentalizadas para reforçar desigualdades.

Nesse cenário, o trabalho de Fotogracia emerge como um contraponto essencial às narrativas hegemônicas. Sua produção dialoga com o que Reverte e Torre (2023) analisam no *Projeto Imagens do Povo*, entendido como um instrumento de “direito à memória”. Para as autoras, “a fotografia comunitária não se limita a representar, mas institui novos regimes de visibilidade para populações historicamente silenciadas” (REVERTE; TORRE, 2023: 15). Ao documentar o cotidiano da Rocinha a partir de uma perspectiva endógena, Salem não apenas registra, mas ressignifica o território, criando imagens que funcionam como “arquivos vivos” em oposição às narrativas tradicionais.

Sua prática também dialoga com as reflexões de Bentes (2003), que define a “cosmética da fome” como estetização da pobreza voltada ao consumo externo. Enquanto a mídia tradicional reproduz esse olhar, Fotogracia inaugura o que pode ser compreendido como uma epistemologia favelada: um modo de ver produzido de dentro da comunidade, que recusa a exotização e afirma a favela como espaço de produção estética e política. Hamburger (2017, p. 84) reforça essa perspectiva ao afirmar que as representações visuais são “territórios de conflito político”, nos quais diferentes discursos disputam sentidos e poder.

A teoria de Mikhail Bakhtin (2011) contribui para compreender essa dinâmica. Seus conceitos de dialogismo e heteroglossia permitem interpretar as fotografias de Salem como enunciados que instauram polifonia visual: vozes plurais que tensionam os discursos dominantes e inscrevem a favela em novos regimes de sentido. Nessa chave, o olhar endógeno da artista não apenas confronta, mas também se recusa a se submeter à lógica colonizadora que marcou historicamente as imagens da favela. Esse processo, contudo, não está isento de paradoxos. Como alertam Reverte e Torre (2023), ao circular nas redes sociais – em especial no Instagram –, as imagens são absorvidas pela lógica das plataformas digitais, que tendem a transformar culturas em mercadorias.

Essa ambiguidade remete à reflexão de Benjamin (1994, p. 46) sobre a reprodutibilidade técnica da obra de arte: “a reprodução de uma obra destrói sua aura, mas também permite sua democratização”. No caso de Salem, a mesma fotografia que empodera pode ser cooptada por circuitos de consumo cultural, gerando tensão entre visibilidade e banalização. A noção de “direito à memória” (REVERTE; TORRE, 2023) ajuda a compreender o potencial emancipatório dessa produção. Suas imagens funcionam como contra arquivos visuais, deslocando olhares hegemônicos e reinscrevendo a Rocinha no imaginário coletivo como espaço pulsante de cultura e criação estética. Como observa Mirzoeff (2009, p. 13), “ver é um ato político na era da cultura visual”.

Em última instância, a fotografia das favelas ocupa o centro de uma batalha semiótica: entre registro documental e construção artística; entre denúncia social e risco de espetacularização. Trabalhos como os de Salem – assim como iniciativas coletivas como o Imagens do Povo – demonstram que a câmera pode operar simultaneamente como instrumento de dominação e de emancipação. Como concluem Reverte e Torre (2023, p. 42), “o verdadeiro poder transformador da imagem reside em quem controla seu enquadramento – literal e simbolicamente”.

O diferencial de Fotogracia não está apenas nos temas que aborda, mas na radicalidade de seu ponto de vista. Ao contrário da fotografia tradicional sobre favelas, que geralmente adota um enquadramento distante – físico ou

simbólico —, suas imagens emergem da imersão cotidiana. Essa proximidade rompe com o “olhar de fora” e reposiciona a favela como sujeito da narrativa. Nas fotografias de Salem, elementos como becos, paredes grafitadas e rostos dos moradores deixam de ser exotizados para serem reconhecidos como componentes de um tecido social vivo e complexo. Assim, suas imagens podem ser lidas como atos de presença: afirmações visuais do direito à autorrepresentação e da favela enquanto espaço de invenção cotidiana e de produção cultural. Ao recusar tanto o miserabilismo quanto o exotismo, Fotograccia constrói uma terceira via: narrativas visuais que celebram a potência criativa das comunidades, sem romantizar suas condições materiais. Cada fotografia torna-se um manifesto silencioso, reafirmando a complexidade e a agência dos sujeitos favelados.



Fotografia 2 - Fotograccia capture the bleach hair tend & culture inside favela in collab with Cold Archives & Puma. A imagem de Fotograccia mostra jovens reunidos em uma barbearia para atualizar o estilo do cabelo com a técnica “nevou”, ritual estético comum na favela que se afirma como expressão de identidade, estilo e pertencimento. Fonte: Instagram @afotograccia



Fotografia 3 -Brazilian Vibes. Fotos do making off pra campanha da Clints Inc com o Breninho. A imagem de Fotograccia retrata três jovens reunidos em uma laje, jogando cartas diante da vista que conecta a favela ao mar e à cidade. O jogo, aqui, simboliza sociabilidade e coletividade, enquanto a laje se transforma em espaço de convivência e pertencimento. Ao capturar esse cotidiano, a fotografia desconstrói estereótipos de violência e reafirma a favela como território de potência cultural e afetiva. Fonte: Instagram @afotograccia

AFOTOGRAÇRIA E SUA ATUAÇÃO NA FAVELA DA ROCINHA

Afotograccia, também conhecida como Salém da Rocinha, emerge como sujeito artístico e político a partir do território que a constitui: a favela da Rocinha. Criada na rua 4 e ainda residente próximo ao topo do morro, sua trajetória não pode ser dissociada do espaço social em que se inscreve. A favela, enquanto locus de exclusão e desigualdade, mas também de invenção e resistência, aparece em sua obra não como pano de fundo, mas como fundamento estético e epistemológico. Sua produção fotográfica confronta os estigmas que historicamente marcam a periferia urbana, ressignificando o cotidiano como campo legítimo de criação cultural e de construção de memória coletiva.

A atuação de Fotogracia se desdobra entre a fotografia documental e a produção cultural. À frente da Favela Content, já realizou trabalhos para grandes marcas e artistas da cena carioca, além de assinar direções de videoclipes e ensaios. Sua recente participação no programa Visão de Rua, exibido pelo Canal OFF, reafirma a potência de sua inserção em circuitos midiáticos mais amplos, sempre a partir de uma perspectiva situada na favela. Sua formação no programa Imagens do Povo, do Instituto Observatório de Favelas, consolidou uma dimensão pedagógica em seu trabalho. Hoje, dedica-se também a ministrar oficinas e palestras voltadas principalmente ao público infantil, onde ensina tanto técnicas fotográficas quanto o valor simbólico de narrar a própria realidade.

Essa prática aproxima-se do que Bell hooks (2013, p. 21) define como pedagogia engajada, na qual “ensinar é um ato performativo” e deve ser compreendido como prática da liberdade. Ao mostrar às crianças a relevância de sua condição de sujeitos favelados e a potência de suas narrativas, Afotogracia mobiliza a fotografia como linguagem de pertencimento e afirmação. A trajetória da artista revela, portanto, um duplo gesto: desconstruir as imagens estigmatizadas da favela e, ao mesmo tempo, inscrever novas narrativas produzidas a partir de dentro. Em sintonia com hooks (2019, p. 13), é possível afirmar que falar “a partir da margem é lançar uma nova visão sobre o centro”, pois rompe-se com a hegemonia de olhares externos e reafirma-se a favela como produtora de saberes, memórias e estéticas próprias.

CONCLUSÃO

A trajetória de Fotogracia evidencia como a fotografia, quando praticada a partir de um lugar de fala favelado, pode operar como uma potente ferramenta de desconstrução de estereótipos e de reafirmação identitária. Sua produção visual, circulante principalmente no Instagram, não apenas documenta o cotidiano da Rocinha, mas o ressignifica, atribuindo novos sentidos a um território historicamente marcado por representações negativas e

exotizantes. Por um lado, seu trabalho contribui para um processo emancipatório, no qual moradores assumem o controle de suas próprias narrativas, construindo um arquivo visual que valoriza a memória, a criatividade e a cultura local. Por outro, essa mesma visibilidade gera uma ambiguidade inevitável: as imagens da favela são absorvidas pela lógica das plataformas digitais e do mercado, tornando-se objeto de consumo cultural e turístico. Essa dualidade entre resistência e comoditização não invalida o caráter transformador de sua atuação, mas complexifica o entendimento sobre os usos sociais da imagem na contemporaneidade. A análise do percurso de Fotogracia permitiu compreender que sua fotografia vai além do registro estético: é um ato político. Ao adotar um olhar endógeno, ela desconstrói visões estereotipadas e externalizantes e propõe uma epistemologia favelada – um modo de ver e ser visto que emerge de dentro da comunidade. Seu engajamento com a educação fotográfica, por meio de oficinas para crianças, reforça o compromisso com a formação de sujeitos capazes de narrar suas próprias realidades, ampliando o direito à memória e à autoimagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FOTOGRA CIA. *Perfil oficial no Instagram*. Disponível em: <https://www.instagram.com/afotogracia>. Acesso em: 29 ago. 2025
- AZOULAY, Ariella. *História Potencial: Desaprender o imperialismo*. Tradução de Célia Euvaldo. São Paulo: Ubu Editora, 2023.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 165-196.
- BENTES, Ivana. Sertões e favelas no cinema brasileiro contemporâneo: estética e cosmética da fome. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26., 2003, Belo Horizonte. Anais [...]. Belo Horizonte: Intercom, 2003.
- BERGER, John. *Para entender uma fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- BERGER, John. *Modos de ver*. Rio de Janeiro: Fósforo, 2022.
- HAMBURGER, Esther. *Guerra de imagens: da Revolução de 1930 à queda do Muro de Berlim*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. Tradução de Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MIRZOEFF, Nicholas. *An introduction to visual culture*. 2. ed. London: Routledge, 2009.

REVERTE, Lais dos Santos; TORRE, Fernanda Pereira Vericimo de la. *Projeto Imagens do Povo: uma introdução ao direito à memória por meio da fotografia*. Rio de Janeiro, 2023.

VALLADARES, Lícia do Prado. A gênese da favela carioca: a produção anterior às ciências sociais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 15, n. 44, p. 5-34, out. 2000. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/pfKy4Gf3jHtVr7XqxLQjRZR/>. Acesso em: 7 out. 2024.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

Socioverso: expandindo horizontes da Sociologia em uma escola de ensino fundamental situada na zona rural de Alagoas

Maria Cecilia dos Santos Macário Silva⁴

Marcos Roberto Paixão Santos⁵

RESUMO

O presente relato descreve as atividades desenvolvidas em um projeto de extensão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas (IFAL) - Campus Penedo, com foco na divulgação científica de conceitos sociológicos para estudantes do 9º ano do ensino fundamental, em São Sebastião, Alagoas. As atividades foram conduzidas por meio de rodas de conversa e oficinas, promovendo um ambiente participativo e reflexivo. Como culminância, foi organizada uma Feira Sociológica, na qual os estudantes puderam sintetizar e compartilhar suas percepções sobre os temas discutidos. Ao final, constatou-se um avanço na capacidade dos participantes de selecionar, relacionar, organizar opiniões e argumentos, fortalecendo sua habilidade de construir e defender um ponto de vista fundamentado a partir da Sociologia.

Palavras-chave: Sociologia; Divulgação Científica; Educação.

INTRODUÇÃO

Embora a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) exija a inclusão da sociologia na Educação Básica, a falta de reconhecimento da disciplina como ciência e a histórica inconstância de sua obrigatoriedade (Silva, Carvalho, 2017; Costa, 2019) dificultam a difusão do conhecimento sociológico entre estudantes

⁴ Bolsista de extensão (Edital Proex nº 13/2024) e estudante do curso integrado de Técnico em Meio Ambiente - IFAL Penedo.

⁵ Professor de sociologia - IFAL Campus Penedo.

de diferentes níveis de ensino. Além disso, a sociologia é obrigatória apenas no Ensino Médio, o que pode privar alunos do Ensino Fundamental de acesso a materiais de qualidade e orientação especializada. Com o intuito de contribuir para a redução dessa lacuna, propusemos um projeto de extensão que buscou, por meio da divulgação científica, uma abordagem estruturada para a apreensão de temas sociais sob a perspectiva sociológica.

A escola onde a ação foi desenvolvida pertence à rede municipal de ensino e está localizada no povoado de Cana Brava, zona rural de São Sebastião, AL. Ela oferece educação infantil e ensino fundamental, atendendo atualmente a 409 alunos(as). A ação teve como público os estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental II. Em São Sebastião, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) de 2023, segundo dados do Inep, é de 5,26 nos anos iniciais e 4,55 nos anos finais. A escola onde realizamos o projeto apresenta um IDEB de 4,2 nos anos finais (Qedu, c2024).

A instituição está situada a 50,2 km do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas - Campus Penedo, que financiou esta ação de extensão. Este projeto, uma iniciativa da autora, estudante do curso integrado de meio ambiente do Campus Penedo, foi orientado por um professor de sociologia e contou com a participação de duas estudantes voluntárias.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A divulgação científica é um conjunto de atividades que visa tornar a ciência acessível a todos(as), traduzindo termos técnicos para uma linguagem mais simples e objetiva. Isso inclui desde a publicação de textos jornalísticos sobre novas descobertas até a organização de exposições sobre temas científica e socialmente relevantes (Fórum de Ciência e Cultura, 2022). Além de informar, ela também democratiza o acesso ao conhecimento, promove a alfabetização científica e incentiva a inclusão dos cidadãos em debates sobre temas especializados que podem impactar o cotidiano. É uma forma de popularizar a

ciência e aproximar a sociedade dos avanços e descobertas que acontecem no mundo acadêmico (Carvalho Padilha, Presser, Zarias, 2016).

Embora nem sempre mencionada em resultados de pesquisas sobre ciência (INCT-CPCT, 2024), a sociologia também é uma área científica. Incorporada à Educação Básica, apresenta aos estudantes uma variedade de discussões baseadas em resultados de estudos feitos por pesquisadores(as) que, muitas vezes, realizaram entrevistas, observações em campo e/ou aplicaram outras metodologias. Quando difundidos de forma didática, esses estudos oferecem aos alunos ferramentas para entender a complexidade das relações sociais, desempenhando um papel importante na formação de cidadãos críticos e conscientes (Bodart, 2020).

Mas, como se constrói um olhar sociológico? Para o sociólogo C. Wright Mills, esse olhar passa pela “imaginação sociológica”, que representa a conexão entre os fenômenos sociais para além da experiência individual. Em outras palavras, desenvolver a imaginação sociológica significa ter uma consciência objetiva da relação entre os indivíduos e a sociedade em geral, o que nos permite compreender como os problemas pessoais estão interligados com as questões públicas. É por meio dessa capacidade que podemos analisar o que está por trás dos acontecimentos cotidianos e entender as complexas tramas sociais implícitas (Mills, 1982).

Essa análise começa com uma busca pelo simples, ou, como sugere o sociólogo Boaventura de Sousa Santos, pelas perguntas que só uma criança faria. Com isso, ele destaca a importância de uma abordagem curiosa, capaz de questionar o aparentemente óbvio. Essa atitude de questionamento permite explorar novas perspectivas e desafiar as respostas comuns, levando a uma compreensão mais profunda e crítica das questões científicas e sociais (Santos, 2006).

Nesse sentido, aproximar os estudantes do conhecimento sociológico, mostrando, de maneira participativa, como os pesquisadores investigaram temas como cultura, sociedade e preconceitos, vai além do ensino conteudista, avançando para o uso da divulgação científica como uma ferramenta para desenvolver o pensamento crítico.

METODOLOGIA

O projeto ocorreu durante 4 meses e foi desenvolvido a partir de 3 linhas de ações, a saber:

Levantamento dos temas relevantes junto aos estudantes: esta ação consistiu no levantamento participativo, a partir do diálogo e escuta sobre a realidade vivida pela comunidade estudantil, dos problemas e desafios enfrentados. O levantamento permitiu a definição dos temas que orientaram o trabalho posterior, nas oficinas.

Curadoria de materiais didáticos: escolhidos os temas, realizamos, no segundo mês, a pesquisa, organização e sistematização de material referentes a eles. Por se tratar de um trabalho de divulgação científica, a orientação dessa curadoria foi pautada pelas seguintes perguntas: Quais sociólogos(as) discutiram esse tema? Quais considerações eles(as) fizeram? Como suas pesquisas foram feitas? Eles(as) chegaram a quais conclusões?

Rodas de Conversa, Dinâmicas e Feira Sociológica: no terceiro e quarto mês, realizamos rodas de conversas teóricas de introdução à sociologia e dinâmicas, além de uma “Feira Sociológica”, na qual expusemos o material produzido ao longo do projeto. Foi um evento participativo, e os estudantes apresentaram suas descobertas por meio de cartazes e outras linguagens.

O projeto foi aprovado no Edital Proex nº 13/2024, da Pró-Reitoria de Extensão do IFAL, e financiado com recursos do Campus Penedo.

RESULTADOS

Durante as duas primeiras semanas de ação, foram realizadas discussões entre as integrantes da equipe para familiarizá-las com a dinâmica da extensão e prepará-las para a interação com o público externo. Das nove visitas planejadas inicialmente, sete foram efetivamente realizadas, sendo uma dedicada ao diálogo com a equipe gestora da escola e seis à execução de atividades com os alunos. A seleção dos participantes ocorreu por demanda espontânea, formando um grupo de 35 estudantes oriundos de duas turmas.

A primeira visita à escola teve como objetivo principal a apresentação do projeto aos estudantes. Este encontro permitiu o estabelecimento de um vínculo inicial e a contextualização de nossos objetivos. Também pudemos falar sobre a relevância da sociologia para a reflexão acerca de questões sociais como preconceitos, estratificação social e a vida cotidiana. A partir disso, os estudantes foram convidados a citar temas pessoais ou sociais que eles acreditavam ser passíveis de discussão. Feita a relação dos temas, passamos a uma votação e definimos, para cada turma (A e B), um tema central, respectivamente: relações interpessoais e desigualdades sociais.

Na segunda visita, o foco recaiu na introdução do conceito de sociologia e suas principais áreas de estudo. Após uma explanação teórica, foi aplicada uma dinâmica em que os estudantes eram convidados a "abrir uma caixa" e descrever o que viam, sem prévio conhecimento do conteúdo. Essa atividade visava estimular a reflexão sobre a percepção limitada e distorcida do papel do sujeito na sociedade. Enquanto na turma B a dinâmica gerou um debate produtivo, a turma A demonstrou certa resistência à proposta e à condução pela bolsista e voluntárias – todas mulheres cuja idade é bem próxima à do público, que tinha, em média, 14 anos.

Diante da disparidade no engajamento, a terceira visita foi conduzida exclusivamente pelo orientador do projeto. O objetivo foi dialogar diretamente com os alunos da turma A, que apresentavam menor interação, buscando compreender as causas da desmotivação e elaborar estratégias para revertê-las. Conversas individuais e em grupo foram realizadas para identificar as necessidades e preocupações dos alunos e incentivá-los ao engajamento. Notamos que a turma era bastante segmentada, e essa divisão provocava um ambiente onde o receio de críticas e exposição de ideias era um entrave antigo. Concomitantemente, na turma B, com maior participação, a discussão foi aprofundada para os conceitos de agrupamentos e desigualdades sociais.

A quarta visita contou novamente com a participação de todos os integrantes do projeto. Foi aplicada a dinâmica "Jogo do Privilégio", visando sensibilizar os alunos da turma B para os impactos sociais das desigualdades. O jogo consistia em responder perguntas sobre temas como educação, etnia e

gênero, com o avanço ou recuo dos participantes no tabuleiro conforme suas respostas. Essa dinâmica buscou evidenciar como fatores sociais podem influenciar as trajetórias e oportunidades individuais. Ao final, promoveu-se um debate enriquecedor sobre os privilégios na sociedade e suas implicações. Na turma A, focou-se em uma dinâmica sobre papéis sociais, estimulando os estudantes a dramatizarem diferentes perfis de relações sociais. Essa dinâmica foi muito intensa e, ao dramatizarem situações, alguns alunos emocionaram-se, o que demandou um manejo do orientador, que precisou dialogar com a equipe gestora para, juntos, pensarem em soluções para o que demonstrou ser um problema nas relações entre os estudantes desta turma: o bullying.

Já próxima ao fim do projeto, a quinta visita foi dedicada à apresentação do planejamento da Feira Sociológica, evento de culminância. Os discentes receberam orientações sobre a organização dos temas debatidos até ali. A ideia era que, de forma visual e interativa, os(as) participantes pudessem sintetizar suas impressões sobre o tema, à luz da sociologia.

A sexta e última visita marcou a realização da Feira Sociológica. Os(as) alunos(as) apresentaram suas sínteses, elaborando materiais visuais sobre interseccionalidade, preconceito e classe social. Destacaram-se a criação de um "varal" com imagens de figuras importantes na sociedade, um display informativo e uma claquete com fotos tiradas pelos próprios alunos. A feira proporcionou um ambiente de reflexão e aprendizado significativo. Ao final, foi realizada uma roda de conversa, onde os alunos compartilharam suas percepções e os conhecimentos adquiridos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A execução demonstrou como a possibilidade de interação aberta pela oferta do conteúdo sociológico, é capaz de provocar alterações na dinâmica escolar e potencializar o espaço de debate. O caso mais ilustrativo disso foi a baixa adesão da turma A às atividades propostas, demandando ajustes na

metodologia, priorizando a dimensão lúdica para manter o interesse do público-alvo. Ao provocarmos o debate sobre o tema das relações interpessoais, a mediação sociológica fez emergir, na prática, um tema que não havia sido mencionado diretamente pelos(as) estudantes e que era um problema nesta sala: o bullying. Para a condução dos trabalhos nesta turma, foi necessária uma presença mais ativa do orientador.

Também enfrentamos desafios ao trabalhar pontualmente dentro do cotidiano de uma outra cultura escolar, que não a do Instituto Federal. Cabe ressaltar que a autora e proponente desta ação estudou na escola onde os trabalhos ocorreram. Esse lugar de pertencimento por vezes foi mencionado pela equipe gestora local como um lugar a ser buscado pelos demais estudantes. Ao tempo em que essa condição de “espelho a ser seguido” gerou resistências por parte de alguns, também gerou uma identificação positiva da parte de outros (as) estudantes.

Apesar dos desafios, a experiência de extensão em São Sebastião representou um exercício prático na aplicação de conceitos sociológicos e na promoção do engajamento social em ambiente escolar, gerando aprendizados para os(as) envolvidos(as). Ao mesmo tempo, cientistas sociais como Lélia Gonzalez, Clóvis Moura, Carla Akotirene e Pêrsio de Oliveira tiveram parte de suas ideias veiculadas durante a discussão dos temas, oportunizando um contato mais sistemático dos(as) alunos(as) com o pensamento social brasileiro.

AGRADECIMENTOS

Às estudantes Laryssa Vitória Archangelo Lacerda e Clara Ferreira Santos da Silva participaram, como voluntárias, na execução das atividades do projeto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BODART, C. (2020). A importância do ensino de Sociologia no Ensino Médio. Disponível em: <https://cafecomsociologia.com/importancia-do-ensino-de-sociologia/>. Acesso em: 10 jul. 2024.

CARVALHO PADILHA, S.; PRESSER, N. H.; ZARIAS, A. (2016). Divulgação científica: uso social do produto dos estudos científicos na Fundação Joaquim Nabuco. Em *Questão*, Porto Alegre, v. 22, n. 1, p. 161-187. DOI: 10.19132/1808-5245221.161-187. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/55013>. Acesso em: 10 jul. 2024.

COSTA, A. W. R. da. (2019). Ensino de sociologia na educação básica brasileira: um debate pertinente na contemporaneidade. *Revista Discente Planície Científica*, v. 1, n. 2. Disponível em:

<https://periodicos.uff.br/planiciecientifica/article/view/29587>. Acesso em: 10 jul. 2024.

FÓRUM DE CIÊNCIA E CULTURA. (2022). Divulgação científica: o que é e qual a sua importância. Fórum UFRJ. Disponível em: <https://forum.ufrj.br/divulgacao-cientifica-o-que-e/>. Acesso em: 10 jul. 2024.

INCT-CPCT. (2024). O que os jovens brasileiros pensam da ciência e da tecnologia: survey 2024. Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Comunicação Pública da Ciência e da Tecnologia (INCT-CPCT) / Pólis Pesquisa LTDA. Disponível em: https://inct-cpct.fiocruz.br/wp-content/uploads/2024/05/FINAL_ebook_O-QUE-OS-JOVENS-BRASILEIROS-PENSAM.pdf. Acesso em: 11 jul. 2024.

MILLS, C. W. (1982). *A imaginação sociológica*. 10. ed. Rio de Janeiro: Zahar.

PREFEITURA DE SÃO SEBASTIÃO. Disponível em: <https://saosebastiao.al.gov.br>. Acesso em: 30 mai 2025.

QEDU. (c2024). IDEB São Sebastião - AL. [S. l.]: QEdU. Disponível em: <https://qedu.org.br/municipio/3973-sao-sebastiao/ideb>. Acesso em: 27 maio 2025.

SANTOS, B. de S. (2006). *Um discurso sobre as ciências*. 7. ed. Porto: Afrontamento.

SILVA, C. M. da; CARVALHO, J. M. de. (2017). O ensino de Sociologia na educação básica: história, lutas e conquistas. In: V Encontro Nacional sobre o Ensino de Sociologia na Educação Básica, 23 a 25 de julho de 2017. Anais [...]. Grupo de Trabalho: História do Ensino de Sociologia no Brasil. Disponível em: <http://www.adaltech.com.br/anais/eneseb/resumos/PPT-eposter-trab-aceito-0005-1.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2024.

Escrevendo com mais autoria e criatividade na escola

Aytel Marcelo Teixeira da Fonseca⁶

Ensinar a escrever é um enorme desafio. Há duas décadas, como professor de Língua Portuguesa, tenho me dedicado a essa tarefa, que exige tanto. A maior motivação sempre foi buscar uma metodologia de ensino que - embora não negue - ultrapasse o trabalho insistente com um único modelo de texto: a famigerada *redação escolar*, marcada por imposições injustas e, muitas vezes, sem sentido (“não use *eu*”, “não faça parágrafos com mais de seis linhas”, “não faça perguntas ao leitor”, não... não... não). O resultado óbvio é uma sequência de textos quase idênticos e com pouquíssimo grau de autoria e criatividade.

Os dois artigos de opinião a seguir - escritos por alunos queridos do Ensino Médio Técnico do *campus* Maracanã - provam que é possível desenvolver uma escrita mais criativa e autoral na escola. Foram feitos em resposta a uma proposta de produção textual que serviu de avaliação do 2º trimestre desse ano: teriam que escrever um artigo que discutisse um tema atual à luz de um fato relevante do passado, estabelecendo, portanto, uma ponte entre o presente e o passado. O tema era livre. A proposta não surgiu do nada: em sala, lemos e analisamos atentamente outros três artigos que usaram a mesma estratégia, servindo-nos como *modelos* de escrita.

O resultado está aí: o primeiro texto compara o negacionismo vivido na pandemia de COVID-19 com o que marcou a trajetória da ciência, com destaque para Galileu Galilei; o segundo, por sua vez, que esgarça os limites do gênero

⁶ Doutor em Letras e professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do CEFET/RJ.

artigo de opinião e se aproxima de um *ensaio*, faz uma ampla reflexão sobre a história da representação da mulher no cinema, tendo como ponto de partida a última produção a ganhar o Oscar de Melhor Filme, *Anora*. Boa leitura!

Do heliocentrismo à pandemia: quando a ciência precisa ser justificada

Pedro Lucas Veloso Vitorino⁷

A história mostra que o avanço do conhecimento nem sempre foi recebido com entusiasmo. Quando Galileu Galilei defendeu que a Terra girava em torno do Sol, em pleno século XVII, foi silenciado pela Inquisição e obrigado a negar suas próprias descobertas. Séculos antes, outros pensadores já haviam sofrido a mesma resistência ao questionar ideias consideradas imutáveis. O que deveria ser celebrado como progresso passou a ser tomado como ameaça.

O curioso e triste é perceber que, apesar de todo o desenvolvimento científico, esse cenário ainda se repete. Durante a pandemia da COVID-19, vimos médicos e pesquisadores tendo que provar, mais de uma vez, a eficácia de vacinas, enquanto vozes sem fundamento se espalhavam mais rápido que o próprio vírus. O negacionismo atual, assim como no tempo de Galileu, mostra que a ciência continua sendo obrigada a se justificar diante de preconceitos e interesses.

Essa desconfiança constante não prejudica apenas os cientistas, ela ameaça a sociedade como um todo. Ao recusar evidências claras em nome de opiniões ou crenças pessoais, colocamos em risco a saúde pública, a preservação ambiental e a democracia. Negar dados climáticos, desacreditar pesquisas sobre vacinas ou disseminar teorias conspiratórias significa atrasar respostas urgentes a problemas que já batem à nossa porta.

Se o passado nos ensina algo, é que nenhuma fogueira ou *fake news* foi capaz de apagar o progresso científico. Mais cedo ou mais tarde, as descobertas se confirmam e transformam o mundo. No entanto, a diferença é que hoje não precisamos repetir os mesmos erros históricos. Afinal, se Galileu foi silenciado, cabe a nós garantir que a Ciência agora tenha vez.

⁷ Estudante do 2º ano do curso integrado de Eletrotécnica (CEFET-RJ/Maracanã)

A maldade está nos olhos de quem produz

*Isabelle Alves Candido*⁸

O filme ganhador do Oscar de Melhor Filme de 2025, *Anora*, foi vendido e premiado sob a premissa da quebra de tabus em relação a obras sexualmente explícitas e da valorização das profissionais do sexo. Entretanto, a forma como a história da protagonista é retratada saiu diferente da proposta, chegando a ser criticada pelo público, especialmente ao transformar a dor da personagem em algo “bonito de se ver”, além de reforçar a fantasia da “mulher vulnerável”, tão explorada pelo olhar masculino.

Esse tipo de representação não é algo isolado, é apenas a ponta de um galho de algo que vem sendo enraizado há décadas. A objetificação do corpo da mulher e a secundarização de papéis femininos são práticas comuns e normalizadas durante muito tempo na indústria cinematográfica, em que o olhar e as necessidades masculinas são postos em primeiro lugar durante toda a construção da narrativa.

A atriz Marilyn Monroe se tornou um dos maiores ícones do cinema americano na década de 50. Sua imagem foi cuidadosamente moldada pelos estúdios de Hollywood, em que interpretava sempre o mesmo papel: o de “loira burra”, extremamente sensual e inocente. Apesar do talento inegável de Marilyn, ela era constantemente reduzida a papéis hipersexualizados, nos quais sua aparência tinha mais importância do que suas falas ou do próprio papel em si. Monroe não foi a única vítima desse sistema na época. Diversas atrizes ficaram restritas a papéis machistas e vendidas não como artistas, mas sim como mercadorias para os olhares masculinos.

Entre as décadas de 50 e 60, foi instaurado o “Código Hays”, um conjunto de normas que censurava qualquer representação considerada imoral para a

⁸ Estudante do 2º ano do curso integrado de Administração (CEFET-RJ/Maracanã)

época em filmes, como cenas de nudez, violência, palavras de baixo calão e até mesmo adultério. Esse código servia como objeto de controle social não só para práticas imorais, mas também para o comportamento feminino. Mulheres que fugiam do padrão submisso e pregavam o “perigo à ordem”, as chamadas “femme fatales”, eram punidas no final das narrativas. O filme *Pacto de Sangue*, de 1944, demonstra essa manipulação na prática. A vilã, interpretada por Barbara Stanwyck, é uma mulher sensual, fria, adúltera e que manipula um homem para cometer um assassinato por ela. Durante o filme, é sexualizada de forma constante para, no fim, ser morta por seu parceiro. A mensagem é clara: tudo o que transgride os padrões deve ser erradicado, incluindo a liberdade feminina.

A revolução sexual dos anos 60 ganha força, o “Código Hays” cai e a sexualidade feminina passa a ser vista de outra forma. O discurso da liberdade sexual cresce e toma conta das obras cinematográficas, mas, diferentemente do que o movimento propunha, a objetificação das mulheres não some dos filmes. Na verdade, acontece o contrário. Nudez gratuita, cenas de sexo que não agregam à narrativa, personagens rasas e roupas sexualizadas podiam ser vistas em quase todos os lançamentos, mas justificadas como exemplos de “libertação”.

Em 1968, é lançado o filme *Barbarella*, que prometia ser uma obra futurista e libertária. A “liberdade” do filme é marcada pela objetificação tanto visual quanto narrativa da personagem-título, interpretada por Jane Fonda. Apesar de protagonista, a personagem não exercia controle algum sobre sua história. Frequentemente agia de forma passiva, ingênua e dependente das ações masculinas a sua volta. Barbarella não agia com a liberdade sexual que era reivindicada, era sexualizada de forma gratuita e sem enriquecimento em sua construção pessoal. É a mesma fantasia, mas em outro período.

O movimento feminista ganha muita força nas décadas de 80 e 90 e traz atenção às demandas femininas e aos debates sobre igualdade de gênero, sexualidade e papéis sociais. A luta das mulheres revolucionou diversas áreas da sociedade, e a indústria cinematográfica não ficou de fora. As discussões sobre a representação feminina ganharam forças, desafiando a tendência de se

colocar mulheres em papéis secundários e gerando uma onda de protagonistas complexas, autônomas e, acima de tudo, fortes. Esse espaço foi de grande importância para nós, mulheres, pois agora o mundo poderia ter acesso a obras que retratam o comportamento real de figuras femininas. Entretanto, esse movimento não foi um fim para a sexualização do corpo feminino. Diversos produtores, diretores e roteiristas continuaram a perpetuar essa ação, só que dando mais importância à personagem: tudo bem a mulher ser protagonista, desde que ainda seja atraente e desejável.

Jéssica Alba é uma atriz que ganhou muito destaque nos anos 2000 por interpretar personagens femininas fortes, sensuais e inteligentes. Contudo, ela própria relatou que se sentia constantemente reduzida a papéis baseados apenas em sua aparência e que tentava evitar a nudez em filmes, porque sabia que seu corpo seria usado como produto. Em 2005, Jéssica interpretou a Mulher Invisível em *Quarteto Fantástico*, em que teve que gravar uma cena na qual sua personagem ficava nua.

Em 2017, surgiu o movimento #metoo, que lutava contra o assédio, a cultura do silêncio e a desigualdade de gênero no cinema. Foram feitas centenas de denúncias de abuso sexual e assédios envolvendo produtores e influentes de Hollywood, demonstrando ao público, pela primeira vez, a forma como as mulheres eram tratadas nos bastidores das produções. O machismo e a objetificação foram debatidos publicamente, modificando a maneira como as mulheres seriam representadas dali para frente. Políticas para garantir a segurança e a dignidade feminina na indústria também foram criadas. Porém, como vimos, essa revolução não foi o bastante para eliminar o problema completamente. Como se nota em *Anora*, há ainda resistências, reforçando a tese de que não basta ter mulher em cena, é preciso transformar as estruturas do poder que ditam como ela podem ou não serem vistas.

É preciso, sem dúvidas, olhar com atenção para a construção da personagem: quem as criou? Que as dirigiu? Com que propósito? Para transformar o papel da mulher no cinema, é imprescindível abrir espaço para mulheres criadoras, incentivar narrativas autênticas e acabar com a lógica que

vende o sofrimento como estética. Somente assim, o cinema poderá refletir a complexidade, a liberdade e a dignidade das mulheres “reais” na sociedade.

CONTOS

O rio leva, o rio traz

Guthierre dos Santos Vogado⁹

Toda manhã, dona Honória molha os pés na beira do rio antes mesmo de tomar café. Diz que é pra “acordar o corpo e conversar com a água”, que também diz ser sua amiga. Ali, entre o silêncio da floresta entre o sussurro da correnteza, e entre o vento balançando as palmeiras, ela escuta mais em um dia, do que muita gente na cidade escuta em uma vida inteira.

O rio é o vizinho antigo, daqueles que não se muda nem se cansa. Passa todos os dias, mas nunca é o mesmo. Traz recado das nuvens, recado da mata. Tem dias em que vem barrento, pesado de histórias. Em outros, espelha o céu com tanto sossego que parece não querer ir embora.

Dona Honória diz que o rio é como gente: às vezes briga, às vezes consola. E quando enche demais, invade tudo, sim. Mas não por maldade é apenas uma fase — é como um filho grande que já não cabe mais no berço. “O rio tem seus jeitos”, ela diz. “É só aprender a ouvir e a ver.”

Os meninos da comunidade sabem nadar antes de escrever o próprio nome, alguns antes mesmo de falar. Correm pelas margens com os pés molhados e bem lameados, e o cabelo duro de sol. Sonham com peixes gigantes, barcos velozes e, quem sabe, um dia ir até a cidade. Mas voltam sempre pra casinha da vó, pro cheiro do café recém feito, pro peixe que acabou de ser frito, e pro cuscuz saboroso, também pro sossego do entardecer em rede e o vento calmo batendo na cara. Quando a lua se espreguiça no espelho d’água mostrando seu resplendor, e os grilos começam o coro, juntamente com os sapos, os adultos se juntam para conversar ao redor da mesa. Falam de peixe, de política, de

⁹ Estudante do CETEP Santa Rita de Cássia. Santa Rita de Cássia - BA

promessa de estrada que nunca veio. Mas ninguém reclama da vida. Porque a vida, ali, tem gosto de tempo. E o tempo ribeirinho é outro: sem relógio, sem pressa, sem as cercas do mundo lá de fora.

O rio, esse velho encantador, ensina que tudo passa — e volta. Que a correnteza leva o medo, e traz a coragem. Lá no fundo, somos todos um pouco parecidos com a margem, parecidos com sua calmaria: esperando, acolhendo, seguindo o fluxo. É algo que todos nós devemos ter, humildade de se viver, notar que a vida é boa, não por ganhar grandes riquezas, mas apenas na tranquilidade de boa vivência. Os ribeirinhos nos ensinam um pouco dessa vida e devemos vive-la um pouco.

Amanhã, bem cedo, dona Honória vai outra vez molhar os pés na beira do rio. E, de novo, vai sorrir. Porque quem nasce perto da água, aprende cedo que felicidade também corre, solta, leva e traz. Feito rio.

Afrofuturismo: estética, memória e esperança

Bruna Marques Costa¹⁰

O Afrofuturismo é, mais do que um movimento estético, uma revolução contra o padrão colonialista da perspectiva do povo negro. Nos filmes, livros e outras formas de arte, os personagens negros sempre carregam uma história embasada no racismo e no sofrimento social, como se não pudessem existir para além disso, como se suas histórias não pudessem remeter a algo senão à dor do passado escravocrata do Ocidente. Por isso, a importância da existência de movimentos como o Afrofuturismo, porque não se pode deixar que o eurocentrismo determine como a história negra vai ser contada e vista.

As escolas e o senso comum sempre atrelaram o início da história de África e de outros continentes, como a própria América, à chegada dos invasores brancos vindos da Europa, quando, na verdade, a história desses lugares se inicia milênios antes. O Império de Gana, por exemplo, foi fundado no século IV e exerceu grande influência política e econômica em países que atualmente são conhecidos como Senegal, Mauritânia e Mali, mostrando que os moradores da África já tinham uma maneira própria e independente de se organizar e existir. O próprio Egito é um exemplo vivo da magnitude dos impérios africanos, com construções históricas e sistemas políticos que influenciaram o mundo até hoje, assim como o Império Maia e o Inca foram símbolos de organização e avanço tecnológico nas Américas antes da chegada dos colonizadores.

Se hoje enxergamos um futuro com um mundo cada vez mais desigual e desumanizado, é graças ao pensamento eurocêntrico. O Ocidente, hoje, é projetado com bases europeias e, se a sociedade só consegue imaginar uma distopia para as próximas gerações, talvez seja hora de abandonar essa filosofia

¹⁰ Aluna do 3º ano do curso integrado de Informática (CEFET-RJ/Maracanã).

de vida imposta por quem gerou tanta desgraça e abraçar novas possibilidades de se viver e pensar. É difícil, mas não impossível. Basta questionar por que agimos e pensamos como pensamos, por que vemos outros povos e culturas como inferiores e por que insistimos em considerar nosso modelo de vida como o único válido, mesmo em meio a tanta dor e medo. O Afrofuturismo, nesse sentido, surge como um sopro de imaginação, mostrando que o futuro também pode ser um lugar de dignidade e esperança.

Guardiões de Nzinga

Anna Beatriz Waldheim da Silva¹¹

Maria Rita Fagundes Vargas¹²

Mariana dos Santos Lima¹³

O Sol já estava avermelhado e desaparecendo aos poucos quando mais um dia em Nzinga já se encerrava. A abundância de áreas verdes ao redor dos lagos já estava iluminada delicadamente pelos resquícios de luz, que davam às folhas um tom dourado. Nos topos dos grandes prédios, placas solares - marca da sociedade sustentável que tinha se estabelecido nas últimas décadas - já haviam absorvido todo o calor necessário para a geração de energia. Ao anoitecer, percebia-se a movimentação tranquila de uma sociedade em paz consigo mesma, sem os anseios de produzir além da conta, já que viviam um tipo de desenvolvimento para desacelerar as sequelas de um sistema consumista. Assim, os indivíduos não possuíam mais um forte receio em acordar extremamente cedo no dia seguinte para passar um terço de seu dia produzindo algo que não lhes daria o devido retorno, pois agora a maneira de viver tinha sido modificada. Todo o trabalho exercido era feito de forma equilibrada e transparente, sem deixar a disparidade dos ganhos evidente.

Além disso, a discriminação estrutural referente às minorias sociais já não era mais uma questão alarmante e presente nas camadas de classe, pois, ao decorrer dos anos, a luta persistente por seus direitos havia sucedido. Dessa forma, grande parte da população de Nzinga era composta por aqueles que tiveram o seu momento de prosperidade: pessoas negras - maioria da nação -, asiáticas e indígenas. Muitos cidadãos também se identificavam como parte da comunidade LGBTQ+, que conseguiu romper com diversos estigmas sociais e ter diversos direitos proclamados constitucionalmente. Com essas conquistas, a

¹¹ Aluna do 3º ano do curso integrado de Informática (CEFET-RJ/Maracanã)

¹² Aluna do 3º ano do curso integrado de Informática (CEFET-RJ/Maracanã)

¹³ Aluna do 3º ano do curso integrado de Informática (CEFET-RJ/Maracanã)

sociedade dos Filhos de Nzinga encontrava-se mais alegre e harmoniosa, repleta de laços interpessoais e com sua história de alcance àquele período passada entre gerações.

Em algum lugar, nas ruas onde florescia margaridas, habitava o Francisco Pedreira, conhecido por Seu Chico pela vizinhança. Enquanto o sol descia no horizonte, ele passava seu café e esperava o bolo ficar pronto no forno. Era o horário que seus pequenos vizinhos preenchiam sua casa com sorrisos e brincadeiras e comiam o famoso bolo de cenoura com chocolate que amavam. Francisco, como a maioria dos aposentados da região, vivia sozinho e essas crianças eram sua maior companhia.

Ele era um senhorzinho muito amado e que continuava a praticar, na forma de hobby, seu ofício de marceneiro. Por causa desse trabalho e de suas experiências, ele carregava no olhar e nas marcas do corpo, as cicatrizes de alguém que enfrentara inúmeras batalhas ao longo da vida. Engana-se quem pensa que a vida em Nzinga sempre fora pacífica e harmoniosa. Um passado de lutas por libertação do povo negro, das mulheres, dos povos originários e da comunidade LGBTQIA+ foi a fundação para o edifício que era Nzinga. Passado esse, que todo Filho de Nzinga fazia questão de valorizar e nunca esquecer.

Triimmm. O forno elétrico tocava. O bolo estava pronto, o café recém preparado exalava aquele característico aroma, as risadas dos pequenos se aproximando eram impossíveis de serem ignoradas e era possível ouvir a voz de Noá Sankofa apresentando o noticiário da noite quando a campainha tocou.

- SEU CHICOOO!!!! - Gritava Ícaro, o garotinho mais jovem da turma.

- Como vão, meus queridos? Como foi a escola? - Perguntou Francisco com um sorriso genuíno ao vê-los enquanto abria a porta.

Após uma disputa de vozes para contar as novidades, Seu Chico deu um pedaço de bolo e uma caneca de café para todos enquanto se acomodavam na sala aconchegante da casa. Era o momento mais esperado da semana: a noite do Clube do Futuro do Seu Chico! Nesse horário semanal de sexta, Francisco cuidava de crianças pequenas do bairro que tinham muito carinho por ele em um momento de muita diversão, ensinamentos, conversas e, claro, bolo. Era

sua forma de contribuir com a comunidade estando aposentado e isso o fazia feliz.

- Seu Chico, aprendemos a cuidar das plantinhas semana passada. O que faremos hoje? - Perguntou Kai

- Nessa semana, querido Kai, nós vamos fazer algo diferente. Eu pensei em contar uma história para vocês, mas não decidi qual. Sobre o que vocês querem descobrir hoje?

- Por que o senhor não fala da sua história na formação de Nzinga? Eu amo ouvir histórias sobre isso! - Pediu Clara Dandara, a mais velha da turma.

Então, sentados em uma roda, ele finge abrir um livro invisível e se prepara para contar a história...

“Eu tinha a idade de vocês quando tudo começou. Ou melhor, quando a série de eventos catastróficos que levaram a formação de Nzinga como conhecemos começou, porque muito do que vou falar aqui já acontecia há bastante tempo. Eu morava no subúrbio do Rio de Janeiro, uma cidade do que antes conhecíamos como Brasil, com meus pais, minhas irmãs e minha avó. Nessa época, o ódio contra pessoas negras, imigrantes, mulheres e homossexuais era parte do nosso cotidiano, e nós saímos de casa para estudar ou trabalhar sem a certeza de que voltaríamos para jantar com nossa família. Lembro de uma vez que acordei mais cedo que de costume e vi meu pai terminando de se arrumar para trabalhar. Ele me deu um beijo na testa, disse que me amava e que eu deveria cuidar das minhas irmãs. Mais tarde naquele dia, recebemos a notícia de que os policiais o “confundiram” e atiraram em seu peito.

Meu pai não foi o único homem negro que morreu pelo simples “crime” de ser negro. Acreditem crianças, assassinatos como o de meu pai eram comuns naqueles tempos. Quando eu tinha uns 14, 15 anos, vi políticos, influenciadores e governantes de extrema direita - apoiados pelo presidente Trump dos Estados Unidos - afirmarem, de forma meio sutil, que o homem branco, cis, hétero e cristão era superior aos outros e perseguirem todos os outros grupos. Acreditam nesse absurdo? Durante os 10 anos que seguiram, esse tipo de pensamento foi

crecendo exponencialmente, fazendo com que os movimentos sociais que pediam por direitos fossem reprimidos pela própria população.”

- Mas Seu Chico, pelo menos as pessoas dessa época começaram a respeitar mais a natureza né? Minha professora disse que teve um período que tiveram muitos desastres ambientais e que uma cidade até foi inundada!

- É verdade, mas essa consciência de que precisávamos cuidar da natureza ainda demorou um pouco para chegar.

“Ao contrário de como vemos hoje, o modelo de produção daqueles tempos incentivava o alto consumo, a intensa exploração do meio ambiente e a maximização os lucros. A sociedade era dividida entre os poucos que tinham os carros mais caros na garagem de casa e muitos que morriam de fome. Não era como é hoje que todo mundo pode comprar o que quiser, sem se preocupar em contar o dinheiro para pagar as contas. *E o meio ambiente? O coitado estava pedindo socorro.* As queimadas, o desmatamento e a mineração ilegal estavam destruindo a natureza, assassinando os animais e poluindo os rios. A situação mundial estava caótica, *isso porque eu não mencionei os conflitos entre os países que tiravam a vida de milhões de pessoas.*”

Em 2040, o mundo era o pior lugar para pessoas que fugiam do padrão branco cis heteronormativo viverem. Juro para vocês, *porque agora eu uso expressão de jovem*, a discriminação era tão intensa que o medo de sair de casa era rotina. Vi minha avó adoecer e nenhum hospital aceitar tratá-la e minha irmã ser espancada até a morte nas ruas por amar outra mulher. Mas é claro que nós não ficamos sentados com os braços cruzados assistindo nossa existência ser praticamente apagada. Eu fazia parte de alguns movimentos sociais que estavam se organizando às escondidas para colocar abaixo aquela realidade de dor e preconceito.

Os diferentes movimentos se uniram em uma luta organizada contra aqueles políticos. Não se enganem em acreditar que essa luta foi fácil só porque éramos muitos. Os governos reprimiam violentamente os manifestantes, mas a cada tapa, cada tiro, cada bomba de gás, ficávamos mais fortes e engajados na luta coletiva. Ao longo das décadas de 2040 e 2050, os movimentos tomavam cada vez mais força e o cenário começou a, lentamente, apresentar sinais de

mudança. Nesse contexto, pequenas sociedades parecidas com Nzinga começaram a surgir. Eram lugares onde a discriminação deixava de ser uma realidade e o desenvolvimento social e econômico começava a tomar outra forma.



À medida que as lutas sociais ganhavam força e espaço, essas novas formas de organização em sociedade se espalhavam pelo mundo, resgatando a herança de nossos ancestrais, respeitando a natureza e criando um ambiente harmonioso para que todos os indivíduos pudessem ter a possibilidade de uma vida próspera e feliz.

E então chegamos em Nzinga que vocês conhecem...”

- Seu Chico! Seu Chico!
- Pode falar, querido Ícaro!
- Por que vocês escolheram esse nome??

“Nzinga era o nome de uma rainha africana que liderou a Angola há muito tempo, por volta de 1600. Ela foi muito importante na luta contra a dominação portuguesa do seu reino e contra a escravidão de seu povo. Porém, mesmo com toda sua dedicação e força na luta contra os portugueses, eles conseguiram dominar Angola. Lembram que eu contei que parte importante dessas novas sociedades que estavam surgindo ali em 2050 era a valorização dos nossos antepassados? Pois bem, escolhemos esse nome como uma forma de homenagear a história da rainha Nzinga, que, assim como nós, lutou com coragem pelo seu povo.

Por isso é tão importante vocês preservarem o que construímos, crianças. Nossa história, nossos costumes, nossa vida na Terra. Infelizmente, diversas gerações tiveram que sofrer com todos esses males para que nós pudéssemos conquistar o que sempre deveria ter existido: um mundo justo. Justo com o planeta, com todos nós.

Hoje, um homem negro, como eu, é visto não só como gente, mas como uma pessoa que pode construir a sua própria história. Para nós, agora há a possibilidade de ser, de crescer, de sentir o mundo sem carregá-lo nas costas. Eu, nossos avós, nossos pais, todos nós, cultivamos Nzinga com todo o amor e cuidado que poderíamos, da mesma forma que cuidamos do nosso projeto de jardim lá fora, crianças. E o nosso sonho floresceu, forte e belo. Não somos mais a sociedade frágil e egoísta que um dia fomos. E agora, a missão de vocês é continuar esse legado: serem os Guardiões de Nzinga.”

Com o fim da história, as crianças organizaram a pequena bagunça e voltaram pensativas para suas casas. E assim se encerrava mais uma noite de muita sabedoria com o senhor Francisco. Agora, no coração de cada criança, havia o sonho de ser o Guardião que Nzinga e os seus ancestrais merecem.

Sob o Peso da Cortina de Ferro

Ana Carolina de Carvalho Gonçalves¹⁴

Irina Lebedev

1957

Sabe, tem uma coisa meio mágica em ver a ciência desvendando os segredos do mundo. Quando me formei em jornalismo, nunca imaginei que ia parar bem no meio de uma dessas descobertas gigantes. Escrever sobre ciência ou tecnologia nunca foi um bicho de sete cabeças para mim; na verdade, eu sempre fiquei dividida entre física e jornalismo na faculdade. Meio estranho, eu sei, mas desde a escola, essas duas coisas eram minhas paixões. Agora, porém, o assunto era bem mais complicado. Minha missão: contar a história do novo projeto soviético, algo que ia mostrar para todo mundo o quanto a gente estava evoluindo. Meu trabalho era fazer com que essa história ficasse na cabeça das pessoas, que elas falassem sobre isso.

Lá estava eu, em frente ao OKB-1, o Escritório de Projetos Experimentais-1. Meus olhos percorriam aquela estrutura, sabendo que passaria dias e dias ali, anotando cada detalhe. Deu um frio na barriga, uma ansiedade que não sentia desde o primeiro dia da faculdade. Lembro que meu coração parecia querer saltar pela boca, e a náusea me acompanhou nas primeiras aulas, morrendo de medo de vomitar na frente de todo mundo com quem passaria os próximos quatro anos. Juro que pensei que nunca ia me acostumar. Sempre fui muito ligada à minha família, nunca tinha ficado longe deles por mais de duas semanas. Estudar jornalismo na Sorbonne Université era um sonho antigo, mas a ideia de estar sozinha num país diferente, longe de tudo e de todos que eu amava, quase me fez desistir.

¹⁴ Aluna do 2º ano do curso integrado de Eletrônica (CEFET-RJ/Maracanã)

Por sorte, meus pais sempre foram meu porto seguro, me apoiando em tudo. Mesmo com o meu medo, eles me garantiram que eu não estaria sozinha, que fariam o impossível para eu me sentir segura. Eles, e o Thomas, foram meu maior apoio na faculdade. Thomas Williams, meu melhor amigo. A gente se conheceu na segunda semana do primeiro semestre, na biblioteca. Enquanto procurava os livros na estante, ele apareceu.

— Irina Lebedev? — Uma voz me chamou, me tirando dos meus pensamentos de repente.

Levantei os olhos, procurando de onde vinha o som. Um homem forte vinha na minha direção. Cabelos escuros, com uns fios grisalhos. Usava um terno simples, nada demais. Quando chegou perto, estendeu a mão para me cumprimentar.

— Deve ser a jornalista encarregada de cobrir os experimentos aqui nos laboratórios. — Estendi minha mão, sentindo o aperto firme. — Meu nome é Serguei Korolev, sou o engenheiro-chefe e diretor do programa espacial soviético. É um prazer conhecê-la.

— O prazer é todo meu — respondi, com um leve sorriso.

— Vamos, temos muito o que conversar.

Nos meses seguintes, minha vida virou o laboratório. Eu estava lá o tempo todo, vendo o Sputnik nascer. O Sputnik 1 era o projeto mais novo dos soviéticos, a missão que eu tinha que cobrir. A ideia era simples, mas a execução, essa sim, era um nó. Mandar um satélite artificial para o espaço, que pudesse mandar sinais de rádio pra Terra. Cada peça, feita com um cuidado absurdo para aguentar condições extremas: o frio congelante do vácuo, a radiação solar sem dó. O Sputnik era uma bola de metal, duas metades unidas por 36 parafusos, com 58 centímetros de diâmetro, feito de um alumínio super-resistente. A superfície era polida para refletir a luz do sol, o que o fazia visível a olho nu enquanto girava em volta da Terra. Por dentro, cheio de nitrogênio, tinha um transmissor de rádio que emitia aquele famoso “bip-bip” que seria captado por antenas no mundo todo.

Escolher a órbita também foi um desafio e tanto. Para ficar estável, o satélite precisava voar a 28.000 km/h. Qualquer erro nos cálculos significaria ele caindo de volta pra Terra ou se perdendo para sempre no espaço.

As dificuldades não eram só na teoria. Lembro de conversar com o Korolev sobre isso. A gente estava na sala dele, no fim do dia. Ele estava preparando um relatório semanal para o governo, que o pressionava sem parar para terminar o Sputnik logo. Enquanto isso, ele respondia minhas perguntas pacientemente.

— A gente está usando câmaras de vácuo para simular o espaço e fazendo testes de impacto para ter certeza de que os materiais aguentam — ele explicou.

— E o transmissor de rádio? Ouvi muita gente discutindo sobre isso no laboratório.

— O transmissor tem que ser pequeno e leve. No espaço, cada grama faz diferença, e o R-7 tem um limite de peso. Se for pesado demais, pode atrapalhar o lançamento — ele continuou. — Além disso, tem a questão da energia. Transmissores maiores e mais pesados geralmente gastam mais.

Um tempo depois, o R-7 Semyorka, o foguete soviético, estava pronto. A tensão era enorme. O R-7 tinha um centro e quatro boosters externos que formavam um V de ponta-cabeça. Boosters são tipo motores extras, feitos para dar um empurrão a mais na hora do lançamento. Esses boosters usavam combustível líquido, querosene e oxigênio líquido para gerar a força necessária. Era algo que eu nunca tinha visto na vida.

Hoje, 4 de outubro de 1957, o Sputnik 1 foi lançado. O satélite foi levado para base de Tura-Tam, no Cazaquistão. Quando ele entrou em órbita e começou a transmitir, ouvi suspiros de alívio e gritos de festa. A sala ficou cheia de uma euforia pura. As pessoas se abraçavam, algumas choravam de emoção; era uma mistura de sentimentos.

— Irina! — Korolev veio na minha direção, com um sorriso no rosto que eu nunca tinha visto.

- Deu certo! – Mal conseguia esconder o quanto estava animada.
- Eu sabia que a gente ia conseguir. Nossa equipe fez um trabalho impecável
- ele respondeu, com um tom carinhoso e orgulhoso na voz.

Serguei Korolev era um líder de verdade. Não era alto, nem tinha uma presença que assustava, mas ele passava uma segurança que todo mundo precisava. Era claro o amor dele pelo trabalho, mas mais ainda a fé inabalável que ele tinha na equipe. Mesmo não sendo minha área, eu o admirava muito.

Saí do laboratório um pouco depois. Me despedi de alguns amigos que fiz lá e entrei no carro. Olhei uma última vez para o OKB-1. Vi o futuro do mundo bem ali, na nossa frente. E aquilo era só o começo.

Voltei para casa, decidida a terminar o artigo e mandar pra editora. Aquela notícia precisava sair o mais rápido possível. Estacionei o carro na garagem e fui ver a caixa de correio. Só tinha uma coisa que podia deixar aquele dia ainda melhor. Abri a caixa e peguei tudo que tinha lá dentro: uma encomenda, uns cartões-postais e um envelope, com o remetente “Thomas Williams”. Sorri na hora.

Assim que entrei em casa, joguei minha bolsa e as coisas que peguei no correio num canto e subi direto para o meu quarto. Rasguei o envelope e tirei a carta. Dei uma risada ao ver a letra dele. Era inconfundível. Meio inclinada para a direita, um garrancho de verdade.

“Querida Irina,

Espero que esta carta te encontre em paz, se é que jornalistas conseguem ter um pinga de tranquilidade. Aqui, as coisas estão tão agitadas quanto eu imaginava, ou talvez até mais. Estou trabalhando para uma editora grande, e tem sido uma experiência bem diferente. Não vou mentir, está difícil. O trabalho é incrível, e a gente tem muita influência, mas o ritmo aqui é maluco, bem pior que o último semestre da faculdade. Lembra de como a gente passava madrugadas e madrugadas acordados para terminar o TCC? Lembro que, quando a gente estava exausto demais e parecia que ia surtar, a gente ia para aquela cafeteria da esquina. Lá dentro, era proibido falar de faculdade ou dos estresses do dia a dia. Era o nosso momento, só a gente. A gente podia reclamar de qualquer bobagem, e cinco minutos depois, a conversa já estava super

profunda. Você sempre pedia aquele café forte, sempre com a desculpa de que se acostumou a tomar assim, mas eu sabia que era só pra você ficar acordada à noite. Sinto falta disso, sabia? Por sua causa, eu conseguia me manter firme no meio daquele caos.

Recentemente, meu pai me arrastou para um seminário sobre os impactos da Segunda Guerra Mundial. Você conhece meu pai, saiu de lá completamente agitado. Confesso que pensei um pouco sobre o assunto. Você sabe que eu nunca me interessei de verdade por política, não tanto quanto você, mas certos assuntos ainda me fazem pensar bastante.

Espero que tenha um tempinho para me contar como as coisas estão. Tenho certeza de que você está fazendo um trabalho incrível, seja lá qual for o projeto em que está envolvida. Por enquanto, deixo esta carta como um lembrete diário de que estou torcendo por você, em tudo que você escolher fazer.

*Com carinho,
Thomas”*

Guardei a carta na minha gaveta, prometendo a mim mesma que responderia assim que tivesse tempo. Por enquanto, saber que do outro lado do mundo alguém se importava já era o suficiente. Isso, e terminar aquele artigo.

Thomas Williams

1958

Quando a notícia do lançamento do Sputnik 1 pelos soviéticos explodiu em 1957, o orgulho americano foi atingido em cheio. Os bipes daquele satélite minúsculo, enquanto ele girava em torno da Terra, pareciam uma ameaça direta aos Estados Unidos. Foi uma surpresa para todo mundo; os americanos não esperavam que os soviéticos fossem capazes de algo como o Sputnik. Foi nesse cenário que, em 29 de julho de 1958, a NASA nasceu. O presidente Dwight Eisenhower, pressionado pela opinião pública, assinou o National Aeronautics and Space Act, unindo todos os esforços espaciais sob uma única e poderosa bandeira. A NASA surgiu com um objetivo bem claro: juntar ciência, tecnologia e inovação para competir de frente com os avanços soviéticos.

Meses antes, o Explorer 1 tinha sido lançado, e eu estava lá. Fazia uns dois anos que eu trabalhava numa editora grande, com bastante influência e respeito no jornalismo. Quando me escalaram para escrever sobre o Explorer 1, senti um certo receio. Embora fosse uma chance de mostrar meu potencial, meu conhecimento científico era limitado. Isso significava que eu teria que mergulhar nos estudos para escrever com mais facilidade. Seria um trabalho e tanto, o maior projeto da minha vida. Mesmo com a dúvida, aceitei escrever e comecei a me preparar para a viagem até o laboratório onde o Explorer 1 estava sendo criado.

Em poucos dias, estava a caminho de Pasadena, Califórnia. Lá ficava o Jet Propulsion Laboratory (JPL), meu novo local de trabalho, um dos principais laboratórios envolvidos na criação do Explorer 1. Assim que chegasse, eu deveria procurar o Dr. William Pickering, o diretor da JPL, que me ajudaria a coletar informações para a matéria.

Eu estava lendo um livro sobre física básica. Não era o mais avançado do mundo, mas eu precisava começar de algum lugar. Aquelas páginas me faziam lembrar por que eu nunca gostei de física na escola. Fechei o livro assim que senti o táxi parando.

— Chegamos, senhor — disse o motorista. Olhei pela janela e vi o lugar. Paguei o motorista e desci do carro. Observei o prédio. Era comum, como qualquer outro, só que bem mais largo. Passei pela porta principal e fui direto pra recepção. Expliquei minha situação para recepcionista, que me levou até o Dr. Pickering.

— Ele está terminando uma reunião agora, aguarde uns minutos aqui. O diretor já sabe que você chegou — disse a recepcionista, me mostrando um lugar para sentar.

— Certo. Muito obrigado pela ajuda — respondi.

Ela sorriu e foi embora. Sentado naquela sala de espera, folhee o livro de física que estava lendo antes. Nada daquilo fazia sentido para mim. Sempre odiei exatas no colegial, cursei jornalismo com a certeza de que nunca mais

cruzaria com qualquer número ou letras das quais eu não sei o valor. É claro que quebrei minha cara porque matérias como “Estatística aplicada ao jornalismo” e “Infografia e jornalismo de dados” existia. Mas, era Irina que me ajudava a organizar tudo aquilo. Irina Lebedev, sentia tanto a sua falta. A conheci na biblioteca, enquanto buscava alguns livros sobre teoria da comunicação no primeiro semestre. Aquele lugar sempre me pareceu mais uma catedral do que um espaço de estudo: as estantes se erguiam como colunas infinitas de madeira escura, o cheiro de papel antigo misturava-se ao de poeira e café que vinha de algum corredor distante.

Eu estava em busca de um exemplar surrado sobre teoria da comunicação, um daqueles que os professores adoravam citar como leitura obrigatória. Virei o corredor das estantes e, para minha surpresa, alguém já estava parado exatamente diante da prateleira que eu precisava.

Era ela.

Uma jovem de cabelos ruivos, presos em um coque improvisado, com alguns fios rebeldes escapando. Usava um vestido azul simples, mas a postura era impecável, como se carregasse dentro de si uma disciplina que eu nunca tinha visto em ninguém da nossa idade. Seus olhos percorriam os lombos dos livros com muita atenção.

Por alguns segundos, fiquei apenas observando. O silêncio da biblioteca parecia me prender ali, como se eu tivesse esquecido até de respirar. Então, sem coragem de interromper, dei uma leve tosse. Ela se virou devagar, com um ar intrigado.

— Boa noite. — disse gentilmente, tinha um sotaque russo carregado.

— Boa noite. — Disse em resposta indo para a prateleira ao lado buscar o livro que procurava.

— Está procurando algo específico? — perguntou tentando puxar algum assunto.

— Teoria da comunicação... — respondi, um pouco atrapalhado. — Acho que você chegou primeiro.

Ela sorriu, de canto, como se finalmente tivesse encontrado algo em comum com alguém naquele lugar.

— Procuro o mesmo. Leitura obrigatória para o meu curso esse semestre. — disse, puxando o livro da estante e folheando. — Irina Lebedev. Jornalismo.

Estendi a mão, tentando recuperar minha compostura.

— Thomas Willians. Também jornalismo.

O aperto foi firme, surpreendentemente confiante.

— Engraçado... — continuou ela, devolvendo o livro para a estante e puxando outro, grosso e empoeirado. — Eu não lembro de você nas aulas.

— Eu tive alguns imprevistos com o meu passaporte e atrasei bastante para chegar. — expliquei tentando não parecer nervoso.

Irina folheou o livro grosso que acabara de puxar, procurando sobre o assunto que ambos buscávamos.

—Imagino a confusão — Ela fechou o exemplar que estava em suas mãos e o colocou de volta na prateleira.

—Confusão é o mínimo. Sinto que perdi metade da matéria e agora estou aqui fingindo que seja lá o que for a teoria da agulha hipodérmica. — disse, arrancando dela uma risada curta.

— Acho que todos estão. — Retrucou, com um sorriso de canto.

Sentamo-nos à mesma mesa naquela tarde, cercados pelo cheiro de livros. Conversamos sobre a faculdade, sobre os professores, sobre as dificuldades de viver em outro país. Quando ela contou que os pais estavam longe e que, às vezes, a solidão era insuportável, algo em mim se moveu. Foi só quando a campainha anunciou o fechamento da biblioteca que percebi o quanto havíamos falado. Ela se levantou, ajeitou os livros nos braços e disse com um meio sorriso:

— Vejo você na próxima aula, Thomas.

E foi embora, deixando-me sentado sozinho. Desde aquele dia, não nos desgrudamos mais. Jamais poderia dizer que havia qualquer tensão romântica entre nós, até porque, isso não importava. Ela era minha melhor amiga e estava comigo em todo lugar e vice versa. Nossa relação era única, nos entendíamos completamente.

O som das vozes de um grupo de homens me fez voltar a realidade. Vi um homem alto vindo até mim em seguida.

— Thomas Williams? — ele perguntou.

— Sou eu mesmo. O senhor deve ser o Dr. William Pickering, não é? É um prazer enorme conhecê-lo. — Levantei-me na hora.

— Venha, vou te mostrar o laboratório.

Dr. William me guiou pelo laboratório enorme. Algumas paredes eram cobertas por fotos, gráficos e equações super complexas. As pessoas passavam por nós, concentradas, andando rápido de um lado para o outro. Alguns carregavam pastas, outros discutiam em grupos. Enquanto a gente andava, ele começou a conversar comigo.

— Desde que o Sputnik foi lançado pelos soviéticos, todo mundo tem exigido uma resposta americana. É fundamental pra gente mostrar que estamos à altura — disse Pickering, parando na frente de um modelo de satélite. — Estamos projetando o Explorer 1 para trazer dados científicos de verdade sobre o espaço, e não só um enfeite, como os soviéticos fizeram.

Me aproximei do modelo, observando os detalhes. Tinha um formato cilíndrico.

— Como pretendem fazer isso? — Perguntei.

Ele suspirou.

— Está vendo isso? — Ele apontou para um desenho na parede. Assenti. — Isso é um detector de raios cósmicos, projetado pelo Dr. James Van Allen e a equipe dele da Universidade de Iowa. Nosso objetivo é estudar a presença e a

intensidade de partículas de alta energia no espaço e medir como o campo magnético da Terra interage com essas partículas, basicamente.

— Certo, entendi. — Eu não tinha entendido nada, mas não tive coragem de perguntar de novo.

— Fique à vontade para fazer as perguntas que quiser. Estamos muito animados em saber que teremos um jornalista aqui para fazer uma matéria sobre o nosso satélite. Em breve, o Explorer 1 estará em todas as manchetes, e todo mundo vai saber do que os americanos são capazes — ele disse com um olhar determinado, me dando um tapinha nas costas.

Os meses seguintes me viram totalmente imerso na pesquisa e na escrita da matéria. Me esforcei ao máximo para entender como tudo funcionava fisicamente, tentando prestar o máximo de atenção nas explicações que me davam. Mesmo com dificuldade, era fascinante ver o Explorer 1 ganhando vida. O satélite tinha uns 2 metros de comprimento e pesava uns 14 quilos. Era mais leve que o Sputnik, porque o foguete americano não era tão potente quanto o R-7 soviético; então, para ele conseguir chegar na órbita, o peso foi reduzido ao mínimo.

Com meus estudos, comecei a entender o que o Pickering tinha falado sobre o detector de Van Allen. O detector ia captar prótons e elétrons super energéticos, o que ajudaria a entender a composição e a origem dessas partículas. O aparelho também queria entender como o campo magnético influenciava essas partículas cheias de energia, como elas ficavam presas em certas regiões. Além disso, o Explorer também ia nos ajudar a entender os níveis de radiação no espaço, assim a gente saberia o risco para uma futura tripulação ou para equipamentos. Além do detector, o Explorer também levava outros sensores para medir temperatura e impactos de micrometeoritos, o que ajudaria os cientistas a criarem escudos ou revestimentos para proteger equipamentos mais sensíveis.

O Juno I não era o foguete mais moderno que a gente tinha, mas era o que tínhamos. Foi uma adaptação do míssil Redstone com estágios extras de

propulsão. Nada comparado ao Sputnik, mas a equipe estava confiante de que ia funcionar. Também estive presente em muitos testes para garantir que o Explorer aguentasse a vibração forte do lançamento. Lembro de ver um teste onde ele foi colocado num simulador que o sacudia com força, imitando o lançamento.

Com o tempo no laboratório, percebi que não era só uma briga científica com a URSS, mas também política. Nunca me interessei por política, lembro que na matéria de ética e jornalismo o professor sempre promovia debates. Eu dormia na maioria e, os que era obrigado a participar, ficava com Irina. Ela sempre gostou desse tipo de coisa, brigava com meio mundo por isso. Irina parecia meu pai nesse aspecto. Meu pai sempre foi muito engajado politicamente, um verdadeiro republicano e completamente contra o comunismo. Já tive brigas muito serias com ele por causa de Irina, que insistia em fazer piadas de mal gosto sempre que tinha a oportunidade. Por motivos como esse, preferi manter distante desse tipo de debate por muito tempo. Acontece que na situação que estou, é impossível me manter completamente ignorante a política. Minha paixão sempre foi escrever, contar histórias, o jeito que as palavras podem mudar o que a gente pensa e a realidade. Mas ali, naquele laboratório, a política era um fantasma que estava em todo lugar, ditando o ritmo, a pressa, a própria existência do projeto. A corrida espacial era, acima de tudo, uma briga de ideologias, um palco onde duas superpotências estavam tentando mostrar sua força e quem era melhor.

Nesses momentos, penso em Irina. Será que algum dia brigaríamos por isso? Não podia pensar uma vida sem o apoio da minha amiga. Quando fui para França, vi aquele intercambio como uma oportunidade de ser livre. Meu pai sempre foi muito rígido, nunca pude ter uma adolescência normal. Para ele aceitar a minha ida sozinho para a faculdade, foi preciso passar meses e meses implorando para ele me deixar ir. Até tive problemas com o passaporte e a ingresso na faculdade por cota disso. Quando finalmente tive a aprovação do meu pai e fui para França, pude sentir a liberdade batendo na minha porta. Mas, assim como pode ser uma benção, a liberdade pode ser uma maldição

também. No início, eu fiquei completamente perdido, mas Irina me ajudou a me achar. Ela me ajudava a manter uma rotina de estudos consistente e eu a ajudava a espalhar. Irina significava o mundo para mim.

O lançamento do Explorer 1 foi um sucesso e tanto. A América tinha sua resposta, e eu, minha matéria. A sensação de dever cumprido era enorme, mas também tinha um vazio. A adrenalina dos últimos meses, a imersão total naquele universo, me deixava uma saudade grande. Voltei para casa, exausto, mas com a cabeça cheia de ideias para o artigo. A história do Explorer 1 não era só sobre um satélite; era sobre a força que o orgulho pode proporcionar na busca sem fim pelo conhecimento quando suas ideologias e princípios estão em jogo. O Estados Unidos da América jamais aceitaria ficar em segundo lugar. Me sentia sortudo de ter a chance de participar de algo tão grande, de algo tão importante. Mal podia esperar para escrever para Irina sobre isso.

Fui chamado ao laboratório de JPL de novo meses depois. Explorer 1 já havia virado o assunto principal em todas as manchetes nos jornais. Ao redor do mundo só se falava sobre a incrível resposta americana, Explorer 1. Estava escrevendo uma coluna quando recebi uma ligação de Pickering. Ele me pediu para ir até a universidade de Iowa, na cidade de Iowa para conversar diretamente com James Van Allen. Ele me contou que Explorer tinha feito uma descoberta sobre duas regiões do campo magnético da terra, elas continham uma grande quantidade de partículas eletricamente carregadas. Queriam que eu escrevesse uma matéria sobre.

Na semana seguinte, estava indo ao encontro de Van Allen. Assim que cheguei à universidade de Iowa, fui recebido por Dr. James, que estava na porta me aguardando. Fui muito bem recebido, Van Allen foi muito atencioso. Quando chegamos até sua sala, ele começou me explicar sobre a sua nova descoberta através do Explorer 1. Aparentemente, aquelas duas regiões que Pickering me contou foram chamados de cinturões. Mas, o que eram esses cinturões? Van Allen me explicou que no campo magnético da terra, acontece um movimento de ferro líquido em seu núcleo externo. Esse movimento cria correntes elétricas, que produzem um campo magnético muito forte,

protegendo a terra de partículas carregadas que vem do sol. Quando essas partículas chegam à magnetosfera, desaceleram e ficam isoladas em uma região a 1.000 e 6.000 km acima da terra. A região que as partículas ficavam isoladas eram os cinturões. Eles são fundamentais na proteção da terra, impedem que essas partículas alcancem a superfície, mas podem apresentar um grande risco para futuras tripulações.

Anotei tudo que o doutor havia me dito e fui embora, com a promessa que voltaria na universidade nos próximos dias para continuar a matéria. Admito que, quando publiquei a matéria sobre Explorer, senti um fardo sair das minhas costas. Foi o trabalho da minha vida, mas nunca me cansei tanto. Agora, com essa nova descoberta, podia sentir todo aquele peso voltando de novo. Voltei para o hotel que fiquei hospedado com muita dor de cabeça, tudo que eu mais queria era um banho bem quente e uma cama confortável.

Assim que entrei no quarto, o silêncio de todo o mundo pareceu se concentrar bem ali. Suspirei e fui direto para o banheiro. Tomei um banho bem quente, esperando que o todo o cansaço fosse embora junto com o suor. Depois do banho, me joguei na cama mas o sono não veio fácil. Olhei para a mesa só quarto, onde minha bolsa estava. Já que estava com insônia, vou tentar tirar proveito disso. Abri a bolsa buscando pelo meu caderno que estava anotando mais cedo. Quando o encontrei, deixei cair outros papéis que estavam dentro do caderno. Me abaixei para pegá-los quando vi um pequeno envelope. Peguei ele junto com os outros papéis que estavam no chão. Analisei o envelope procurando o remetendo do envelope, não lembrava de ter recebido isso. Quando li o nome que estava como remetente, senti um conforto instantâneo.

“Irina Lebedev”

Agora consigo lembrar o que aconteceu. Essa carta chegou quando eu estava saindo de Los Angeles para vir a Iowa. Provavelmente coloquei na minha bolsa achando que leria no caminho e acabei esquecendo. Essa carta apareceu em um bom momento. Abri o envelope e comecei a ler a carta que tinha lá dentro.

“Querido Thomas,

Espero que possa me perdoar pelo sumiço, a vida anda me ocupando bastante. Estive completamente focada em terminar de escrever a matéria sobre Sputnik antes. Agora, estou imersa em um novo projeto, que infelizmente não posso revelar para você. É meu inimigo agora. Não é mesmo, porta voz do imperialismo lanqui?”

Ri ao ler essa frase. Sabia que ela estava sendo irônica, mas fiquei feliz ao saber que ela leu minha matéria sobre Explorer 1. Era estranho pensar que ela era soviética, ainda pensava nela como minha dupla no debate de ética e jornalismo.

“Eu adorei a matéria que escreveu. Ela estava incrível. Bem detalhada e realmente vocês, americanos, são bem orgulhosos. Devo admitir que Explorer 1 tem uma logística impressionante, mesmo que só o R-7 fosse bem mais complexo do que Juno I, o satélite parece vir obtendo resultados interessantes.”

Me senti levemente provocado pelas suas palavras, mas sabia que era essa a sua intenção.

“Deixando as brincadeiras de lado, quero dizer que estou realmente muito feliz por você. As vezes eu lembro das nossas conversas cheias de medo do futuro. Quem poderia imaginar que estaríamos fazendo isso, não é?”

Espero que esteja bem e, que não se perca em meio a toda essa loucura. Espero que sempre se lembre que, apesar de soviética, sempre serei a sua melhor amiga, Irina Lebedev.

Com amor,

Irina”

Dobrei a carta e guardei cuidadosamente de volta no envelope, sentindo uma mistura de alívio e saudade. Estava feliz em ter notícias dela, principalmente em meio a toda a tensão dos últimos meses.

Olhei para o teto, ainda segurando o envelope. Tantas lembranças passaram pela minha mente. Respeitei fundo e me deitei na cama. A carta de Irina era mais que uma simples atualização. Era um lembrete de que, mesmo em lados opostos, havia um laço entre nós, e ele era muito maior do que qualquer dilema político que nos afastava.

Com esse pensamento em mente, consegui fechar os olhos, e pela primeira vez em dias, tive um sono leve e tranquilo.

Sob Silêncio e Resistência

Isadora Maia¹⁵
Isabella Maria Telles¹⁶
Ana Júlia Franco¹⁷

O laboratório era apenas uma sombra do que havia sido. Na penumbra, entre as paredes úmidas, o som mais constante vinha de uma goteira. O espaço cheirava a mofo e produtos químicos vencidos. Samuel Pessoa ajustava os óculos no rosto, lutando contra o cansaço que transformava o dia em um borrão contínuo. Suas mãos tremiam ligeiramente enquanto catalogava amostras. Desde o golpe militar de 1964, tudo o que fazia parecia carregar o peso de um país esmagado pelo silêncio.

Nas manhãs abafadas do Rio de Janeiro, ele recebia envelopes discretos. Às vezes, eram deixados sob a porta de sua casa. Outras vezes, dentro de livros emprestados. José Reis, que não podia mais assinar os textos que escrevia, sempre enviava diagramas, gráficos ou recortes de jornais estrangeiros. As palavras tinham sido arrancadas deles, mas não as ideias.

A malária devastava a Amazônia. A febre amarela voltava a assombrar regiões antes controladas. E o governo militar preferia ignorar o caos. A ciência não era prioridade. Recursos haviam secado, laboratórios fechados, pesquisadores presos. Samuel olhava para o microscópio improvisado e sentia o desespero como um nó em sua garganta.

Paulo de Góes entrava sempre sem fazer barulho, os sapatos molhados pela chuva. Ele era um homem metódico, carregando amostras cuidadosamente envoltas em panos simples. Não precisava falar para que Samuel entendesse o peso de cada novo frasco: eram vidas encapsuladas ali, o retrato microscópico de uma população que sofria em silêncio, tão abafada quanto a própria ciência naquele país.

¹⁵ Estudante do 2º ano do curso integrado de Eletrônica (CEFET-RJ/Maracanã)

¹⁶ Estudante do 2º ano do curso integrado de Eletrônica (CEFET-RJ/Maracanã)

¹⁷ Estudante do 2º ano do curso integrado de Eletrônica (CEFET-RJ/Maracanã)

Na parede do laboratório, um mural improvisado de correspondências e fotografias penduradas com alfinetes marcava as redes que os sustentavam. Havia mapas da Amazônia, anotações em código, cartas de pesquisadores no exterior. Cada item preso naquele quadro parecia sussurrar uma história de resistência. José Reis era o ponto central dessas conexões. Ele escrevia para revistas científicas internacionais, camuflando informações em parágrafos que pareciam inofensivos. Sua linguagem era intencionalmente técnica, mas entre as linhas, outros cientistas brasileiros reconheciam pedidos de ajuda. Samuel nunca o viu em pessoa desde o início do regime, mas cada envelope era um lembrete de que ainda havia algo mais forte que a censura: o conhecimento.

Um Relógio de Areia em Regressão

O tempo era o maior inimigo. As doenças não esperavam, mas o progresso era lento, como tentar correr em areia movediça. O laboratório era visitado por um jovem estudante, enviado discretamente por Paulo. Ele trazia amostras recolhidas em regiões remotas. Sempre deixava pequenos bilhetes desenhados à mão para explicar o que havia encontrado: uma árvore com folhas dobradas para simbolizar o tipo de planta usada como cura, ou gotas dispostas em círculos para indicar água contaminada. Paulo observava os desenhos com uma expressão mista de alívio e preocupação. Samuel recortava os bilhetes e os adicionava ao mural. Cada pequeno detalhe era um fragmento do quebra-cabeça.

Em 1972, Samuel recebeu um pacote vindo da França. Dentro, um microscópio mais avançado e um bilhete curto, em francês, de um cientista que José havia contatado:

“Continue. Estamos com você.”

As palavras não eram muitas, mas eram suficientes. Aquele microscópio significava uma chance de avançar com pesquisas que já estavam quase paradas. Os avanços começaram a surgir. Pequenos, mas fundamentais. Eles descobriram um novo método para identificar surtos de febre amarela em

estágios iniciais, antes que as mortes se acumulassem. Não havia celebração, apenas uma troca silenciosa de olhares entre Paulo e Samuel.

A Interrupção Brutal

No outono de 1977, Paulo desapareceu. Samuel foi até o laboratório, mas encontrou a porta encostada. No chão, um frasco de vidro estava estilhaçado. Ele sabia o que aquilo significava. Nos dias seguintes, recebeu uma carta sem remetente. Era um pedaço de papel dobrado dentro de um livro antigo deixado em sua varanda. A caligrafia irregular parecia ter sido escrita às pressas: “Não parem. Não se entreguem. O trabalho não pode morrer.”

Samuel segurou o bilhete por longos minutos antes de prendê-lo no mural. Aquilo não era um pedido. Era uma ordem.

O Clímax da Resistência

Os últimos anos da ditadura trouxeram um desespero ainda maior. As ruas ferviam com manifestações silenciosas, e as cartas se tornaram ainda mais raras. O laboratório, agora com menos equipamentos do que nunca, era o último refúgio de Samuel.

José Reis morreu em 1979, pouco antes de ver a ditadura começar a ruir. Samuel recebeu a notícia através de um envelope vazio, contendo apenas uma fotografia antiga de José segurando um caderno. No verso, havia um rabisco: “Eu acredito em vocês.”

Ele prendeu a fotografia no mural, ao lado das cartas, bilhetes e mapas. Era uma colagem de memórias, de vidas entrelaçadas pela vontade de resistir.

O Fim de Uma Era

Quando a ditadura terminou em 1985, o laboratório de Samuel havia se tornado um símbolo. Ele nunca se importou com prêmios ou reconhecimento. Tudo o que queria era que as vidas salvas fossem prova suficiente de que a

ciência não podia ser sufocada. Em um pequeno evento, anos depois, ele entregou um caderno de anotações a uma jovem pesquisadora.

“Leve isso com você. É o que resta de um tempo que quase apagou tudo.”

Ela olhou para ele, sem dizer nada, mas com lágrimas nos olhos. Naquele caderno estavam não apenas fórmulas e dados, mas o retrato de uma resistência que nunca precisou de palavras para existir.

POEMAS

A PELE DA HISTÓRIA

Maria Laura Seixas da Motta¹⁸

Lembro como se fosse ontem,
quando chegaram e roubaram nosso ouro.
Pintaram nossa terra de vermelho
e nós atiçaram como um touro.

O coral da Igreja cantando,
tentando os nossos Deuses negar.
Mas não é porque gritam mais alto,
que o nosso batuque não vai ecoar.

Tem muita gente má lá fora,
muita gente na tumba sozinha.
Nossas mulheres sequestraram,
dizendo “seu lugar é na cozinha”.

Tomaram nossos filhos para colocá-los na escola.
A escola destrói a arte,
a arte constrói a história.
A história é perdida
sem o traço da nossa memória.

Hoje, a dor tem nome de fome,
de esquecimento, de pavor.
Os Deuses antigos estão vivos,
por isso canto ‘Okê Arô’.

Em um mundo de sereias,
que não aceitam minha pele morena,
serei Dandara dos Palmares:
faço o pulo valer à pena.

¹⁸ Estudante do 3º ano do curso integrado de Informática. (CEFET-RJ/Maracanã)

Fuji, Highlife, Kizomba,
Não deixe o samba morrer,
Sorria com o diastema, não com a sombra.

“What goes around, comes around”,
então reescrevo essa história:
como resistência a esse mundo
e luta pela nossa vitória.

FUTURAFRO

Maria Luisa Gomes de Almeida Saturnino¹⁹

O futuro tem tambor.
Códigos e batuques.
Tecnologia e axé.
Na pele preta, não há sombra:
há sol, potência.
O passado calou,
mas a memória vira foguete.
Quilombo sideral.
Galáxia orixá.
O futuro se encontra no passado.
Os novos inventam mundos,
quebram correntes,
reescrevem histórias.
Afrofuturo é travessia.
Retorno. Começo.
Não há futuro sem cor.

¹⁹ Estudante do 3º ano do curso integrado de Informática (CEFET-RJ/Maracanã)

MAR DE INCERTEZAS

Pedro da Silva dos Santos²⁰

Num mar de incertezas, navega o meu pobre coração,
Como um barco à deriva em noite de tempestade.
As ondas da dúvida agitam a alma,
E o farol da esperança parece distante.

A paixão é um labirinto de rosas e espinhos,
Onde eu me perco em devaneios,
E as pétalas perfumadas escondem armadilhas,
Enquanto espinhos ferem a pele da emoção.

A espera é um eterno pôr do sol,
Onde o horizonte se estende ao infinito,
E o coração aguarda ansioso pelo amanhecer,
Na esperança de ver nascer um novo dia.

O amor é um jardim de borboletas coloridas,
Onde as asas da paixão dançam ao vento,
E eu me embriago com o néctar do sentimento,
Enquanto a beleza efêmera encanta e entorpece a razão.

Assim, como um poema em versos entrelaçados,
Os sentimentos se entrelaçam na teia da emoção,
E eu me entrego à dança das palavras,
Na busca incessante por compreender o enigma do coração.

²⁰ Estudante do 1º ano curso integrado de Mecânica (CEFET-RJ/Maracanã)

RELATO DE EXPERIÊNCIA

O Projeto Sexgen

*Maria Eduarda Dos Santos Silva²¹
Gabriela Nascimento Da Silva²²*

O projeto Sexgen começou em 2016, fruto da iniciativa de um aluno para criar um espaço de discussão e acolhimento entre os jovens estudantes, como forma de tirar do silêncio assuntos que deveriam ser tratados no cotidiano das salas de aula: como sexualidade, identidade de gênero e diversidade. O programa de extensão opera através de intervenções, como rodas de conversa e de escuta, posts informativos nas redes sociais, eventos, distribuição de adesivos, afixação de cartazes e faixas, artigos e ações outras de comunicação.

Em 2025, o Sexgen está subdividido em dois, o projeto (Com)viver: Identidades e Sexualidades Juvenis e o Conceituário, Juventude e Diversidade. O (Com)viver: Identidades e Sexualidades Juvenis tem o intuito de debater sobre as vivências da juventude, sentimentos, dúvidas sobre sexualidade e gênero e ter uma conversa sobre assuntos que normalmente não são falados em ambiente escolar. O Conceituário, Juventude e Diversidade é o novo formato do Dicionário de Juventude e Sexualidade. Ele oferece verbetes claros de jovens para jovens sobre seus próprios direitos. Em um cenário onde a educação sexual é abafada pelo preconceito, o Conceituário se torna um instrumento fundamental para instruir sempre com constantes atualizações para refletir nas mudanças da sociedade. Queremos ampliar olhares, estimular a curiosidade e garantir que os jovens tenham acesso a informações de qualidade para conseguir enfrentar os desafios sociais, afetivos e emocionais.

²¹ Estudante do segundo ano do curso integrado de Eventos. (CEFET-RJ/Maracanã)

²² Estudante do segundo ano do curso integrado de Eventos. (CEFET-RJ/Maracanã)

Dentre as atividades realizadas pelo projeto, destaca-se o evento anual “Cefet do Orgulho”, que comemora o mês do orgulho LGBTQIAP+. Esse evento vai além de apenas comemorar, promovendo rodas de conversa, palestras com pessoas ligadas ao tema, quizzes e diversas outras programações.

No ano de 2025, o encontro teve parceria com o Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual (Nugeds), sendo a primeira ação pública do núcleo, e se estendeu das 9h as 16h30.

Às 9h, o evento teve início no Pátio Azul com um quiz com os estudantes e as bolsistas Gabriela e Maria Eduarda, seguido por um sarau, e depois o debate raça, classe, gênero e sexualidade, guiado por Marcelle Esteves Carla Couto.



DEBATE RAÇA, CLASSE E GÊNERO (2025)

Nesse mesmo momento, ocorreu a aprovação do uso do nome social no CEFET-RJ para alunos menores de idade. Essa conquista ampliou o direito dos estudantes a não apenas serem chamados pelo nome com o qual se identificam, como terem seus nomes mudados no e-mail institucional, Teams, Registro Cefet e Portal do Aluno. Tudo isso foi fruto do trabalho do Grupo de Trabalho (GT) Gênero e Educação com apoio do NUGEDS e do projeto Sexgen.

A parte da tarde começou a partir das 13h, com a exibição do filme “Salão do Baile” estrelado por Lua Brainer que, inclusive, já fez uma visita ao

Cefet em 2024, ministrando duas oficinas de cultura Ballroom, com aulas de dança e diálogos sobre a temática.



Filme Salão de Baile (2025)

No horário das 15h30, teve início a roda de escuta com o coletivo Mães da Resistência, um movimento feito por mães de pessoas do movimento LGBTQIAP+ que compartilham suas lutas diárias pelos direitos de seus filhos. Criado em 2022, esse evento foi o mais recente de uma longa jornada de apoio aos membros da comunidade LGBTQIAP+ dentro do CEFET-RJ. Nos anos anteriores, mesmo com contratempos, a celebração ocorreu com sucesso.

Em seu primeiro ano, 2022, o dia do orgulho foi comemorado através de uma simples roda de conversa com os alunos. Na edição seguinte, o encontro cresceu e tomou o espaço do Pátio Azul com uma performance teatral, uma exposição de bandeiras e cartazes representativas dos grupos da coletividade LGBTQIAP+, encerrando com um bate-papo na COARTES. Para o ano de 2024, devido à greve nas escolas públicas federais, ocorreu uma roda de escuta que moveu surpreendentes 30 alunos e simpatizantes da luta a irem até a instituição falarem sobre suas vivências.



Roda de Escuta (2024)

Outro resultado direto das ações do Sexgen, foi a criação do Conceituário, um projeto com o objetivo de guiar as pessoas sobre os conceitos e termos que envolvem a sexualidade, diversidade e a juventude através de uma linguagem clara e direta. Todo o processo de confecção do Conceituário é feito pelos alunos bolsistas e voluntários para outros adolescentes, da escolha dos verbetes, até sua definição e imagem de ilustração

Desde sua primeira versão, lançada na Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão (SEPEX) de 2019 com 34 verbetes, o projeto tem estado em constante crescimento. Atualmente, tem 36 verbetes oficiais e mais de 5 em andamento para serem adicionados até a Semana de Extensão desse ano.

A sua criação promoveu um movimento interno no projeto para solicitar o uso do dicionário dentro das salas de aula como um instrumento de ensino dentro e fora do CEFET para conscientizar os alunos sobre as temáticas da juventude.

Por fim, o projeto Sexgen, junto a colaboradores e parcerias, demonstra que a transformação no ambiente escolar só é possível quando a juventude é ouvida e acolhida. mais do que um projeto de extensão, ele se fez como um espaço de resistência e aprendizado, reafirmando a importância de discutir diversidade, identidade e sexualidade na escola. Ao longo desses anos, o programa vem mostrando que informação é ferramenta de liberdade, e que cada conquista, seja um novo verbete no Conceituário, uma roda de escuta ou

a aprovação do uso do nome social, representa um passo a mais na construção de uma comunidade escolar mais justa e inclusiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

<https://www.instagram.com/sexgenccefet?igsh=Ym1iNnl4Zl1ZGUw>
<https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/view/10516/pdf>
<https://www.cefet-rj.br/index.php/noticias-campus-maracana/9613-cefet-do-orgulho-evento-promove-reflexao-sobre-direitos-e-vivencias-das-pessoas-lgbtqiapn>
<https://www.cefet-rj.br/index.php/noticias-campus-maracana/8833-roda-de-escuta-no-cefet-rj-reune-alunos-e-professores-no-dia-do-orgulho-lgbtqia>

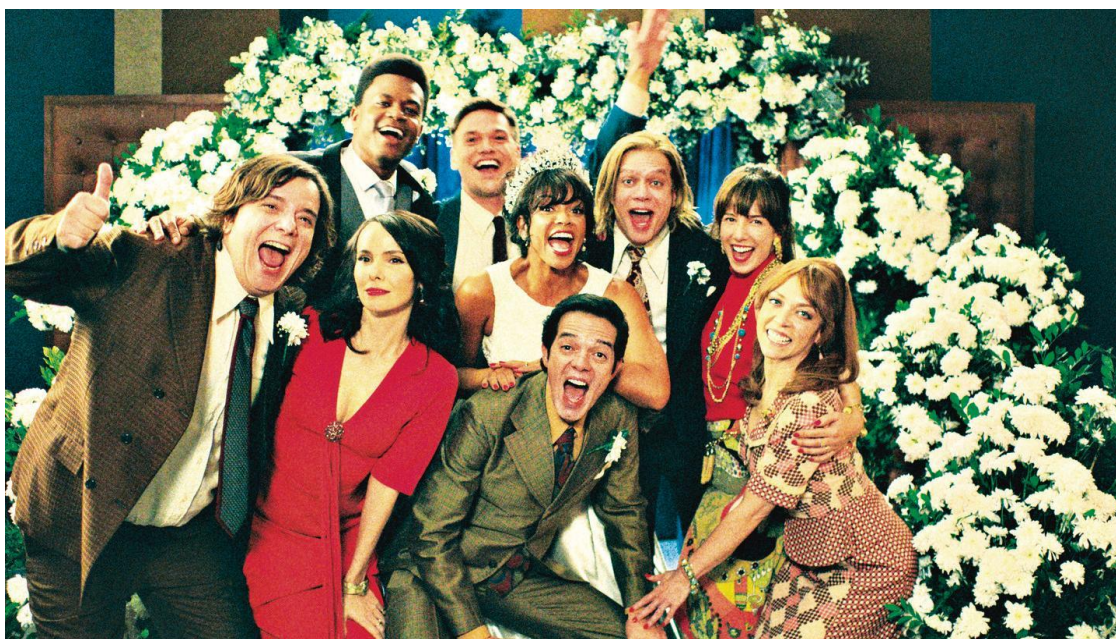
RESENHA

Livro: **FIM**

Autora: Fernanda Torres

Editora: Companhia das Letras

Ano: 2013



Por Izabel R. Mello²³

Oh, minha amada Fernanda Torres! Você conseguiu modificar a química da minha alma com cada página de seu livro, que é tão especial para mim. 'Fim' é, de fato, uma das obras mais sinceras sobre um grupo de amigos cariocas que são mais que amigos: eles são irmãos de futebol e praia, dependentes de violência gratuita e camaradas viciados em sexo extraconjugal. Eles vivem no Rio de Janeiro e parecem ser tão reais ainda hoje, o que é lamentável.

Álvaro, Sílvio, Ribeiro, Neto e Ciro, o quinteto de bêbados maravilhosos, têm atitudes duvidosas até o fim. São aqueles senhores que construíram a 'família tradicional chata brasileira', que não tem nenhuma estrutura saudável como pais e provedores. Felizmente, esses polêmicos e queridos amigos permaneceram unidos. A amizade, na minha opinião, foi a

²³ Ex-estudante do CEFET-RJ e graduanda em Psicologia na universidade Estácio de Sá.

única coisa boa que eles fizeram. Há, porém, uma exceção extraordinária: **Neto**, que se mostrou o fiel do grupo, o único. Ele, sim, deve ser o Superman da atualidade. Ou talvez não. Será? Você precisa descobrir e tirar suas próprias conclusões de cada personagem.

Não se deve achar que este livro trata apenas de comédia ou de homens problemáticos. Ele é muito mais do que esse recorte. O tempo, as fases da vida de cada um e as memórias são indispensáveis para a construção de cada personagem. A obra explora, principalmente, a formação social dos amigos e suas relações amorosas, e também aborda a dor emocional, a mágoa, o arrependimento e a tristeza de lembrar dos bons momentos que não vão voltar.

Essa complexidade fica ainda mais evidente com a entrada de **Ruth, Célia, Irene, Suzana e Alda**, e das outras mulheres que fazem parte dessa confusão bombástica de relacionamentos. Cada sentimento e emoção delas é explorado do início ao fim de forma oposta à dos personagens masculinos. Para eles, a obsessão pela ascensão econômica e o poder de ter várias companheiras, para se mostrarem 'homens com H maiúsculo', é o mais importante de tudo. O livro, no entanto, mostra a luta e o desejo de não se relacionarem entre si, mas infelizmente essa possibilidade nunca avança. Talvez, eles tivessem menos arrependimentos e amarguras se tentassem ter um relacionamento entre eles, além da amizade. Ou não. Tente perceber.

Na realidade dos personagens, esses sentimentos não são superficiais e artificiais. Existe uma consequência para as ações dos personagens masculinos. Esposas, amantes ou amigas do grupo protagonista sofrem abandono, traição e abuso de várias formas, tudo descrito neste livro. Para mim, isso não é algo que impede a leitura. Pelo contrário, foi o que me motivou a terminar a obra. Essas partes são tão boas quanto os momentos engraçados com sátiras e críticas sociais muito bem colocadas e desenvolvidas.

A autora descreve como a tristeza, a solidão e o sofrimento também fazem parte do nosso cotidiano, da nossa realidade, e que talvez, se for possível, deva ter algum alívio cômico durante suas lágrimas e gritos. Não é a regra, mas sim a exceção. Fernanda nos mostra que podemos ter alguma saída, que vai além do final convencional e genérico que sempre esperamos, e talvez

nem venha com um final feliz. E está tudo bem, esse é o ponto principal. Não devemos mais normalizar o 'felizes para sempre' dos contos de fadas. Aqui, isso pode ou não acontecer. Mais uma vez, você terá a missão de descobrir e, com certeza, discordar do meu ponto de vista. Nós precisamos disso.

Entretanto, observe, leia com calma e veja que vai dar certo, mesmo que nem tudo dê certo. Sim, o livro é complexo e verdadeiro, e isso é o melhor de tudo. É, de fato, um desfiladeiro de tudo. E digo que é tudo mesmo. Você terá que passar por essa aventura, por essa montanha-russa desta escritora amada pelo Brasil. Leia com muito carinho e amor: '**Fim**', de Fernanda Torres. Merecemos um livro como este.